

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

**VALORES HUMANOS: ENSAIOS DE UMA REFLEXÃO SOBRE A
CONSTRUÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO (NÓS) NO MUNDO**

ROSÁRIA ANELE

SÃO LEOPOLDO, MARÇO DE 2013

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

**VALORES HUMANOS: ENSAIOS DE UMA REFLEXÃO SOBRE A
CONSTRUÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO (NÓS) NO MUNDO**

ROSÁRIA ANELE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Especialização
em Educação Infantil pela
Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Redin.

SÃO LEOPOLDO, MARÇO DE 2013

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

EUCLIDES REDIN
MESTRE EM EDUCAÇÃO
DOUTOR EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Especialização em
Educação Infantil da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS como parte dos
requisitos necessários para a
conclusão do curso.

SÃO LEOPOLDO, MARÇO DE 2013

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO SINOS – UNISINOS

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

AGRADECIMENTOS

Meu êxito nesta caminhada dedico a quem me ajudou: a Deus, por mostrar e guiar-me nesta trajetória.

Agradeço aos meus pais (pai *in memoriam*) por me ensinarem a essência da humanidade: os valores humanos através de suas palavras, de seus gestos e ações .

À minha família, que, com paciência, soube ser compreensiva pelas várias noites distantes.

Ao meu marido Jandir, que, com muita paciência, soube me apoiar com suas palavras de aconchego quando cansada e ajudar a cuidar do nosso querido filho Pedro.

Ao meu querido filho Pedro, que, por muitas vezes, me pedia para brincar e tive que dizer não.

À minha mãe, que se doou para estar com o Pedro enquanto eu e meu marido trabalhávamos e eu estudava.

Ao meu Orientador Euclides Redin, de coração, agradeço toda a orientação, o cuidado, o conhecimento, o incentivo disponibilizados para me sentir mais confiante e assim poder finalizar este estudo significativo.

À professora Alice e seus alunos do Infantil B2, que me ajudaram na realização e registros das vivências.

Às colegas da equipe do colégio que colaboraram com os seus olhares especiais para que este trabalho fosse possível.

Sou criança da paz, pois eu gosto da paz. Dá uma felicidade no coração. Eu me senti muito bem. Ela (a paz) me amando e eu amando ela. Tem que ter paz em todas as pessoas. Paz no Universo.

Pedro Anele Lansini – 7 anos (09/02/13)

EPÍGRAFE

ESTATUTO DO HOMEM

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da
semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de
domingo.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia
inteiro,
abertas para o verde onde cresce a
esperança.

Artigo IV

Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem confiará no homem

como um menino confia em outro menino.

Artigo V

Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de
aurora.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da
clareza,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha
sempre o quente sabor da ternura.

Artigo X

Fica permitido a qualquer pessoa,
qualquer hora da vida,
o uso do traje branco.

Artigo XI

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado
nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada
fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Thiago de Mello

Santiago do Chile, abril de 1964

RESUMO

Este estudo visa refletir sobre os valores humanos em nossas vidas. As crianças são protagonistas deste trabalho, cujo objetivo é mergulhar em seus mundos, conhecendo o que pensam em suas vidas em diferentes contextos. Atuei como observadora e mediadora de possibilidades de um processo socioafetivo através de estratégias praticadas por um determinado grupo de crianças. A vivência foi desenvolvida com uma turma de crianças da Educação Infantil (Infantil B) com idades entre 5 e 6 anos, em um colégio particular situado na cidade de Porto Alegre (RS), durante o mês de novembro do ano letivo de 2012. Como suporte teórico foram feitas leituras de autores que contemplam a estrutura da Educação Infantil.

A parte empírica deste estudo, de cunho qualitativo, envolveu observações e depoimentos das crianças sobre suas vivências com os valores humanos desenvolvidos diariamente em diferentes contextos. As possibilidades oferecidas não foram utilizadas apenas com o propósito de conhecer as opiniões das crianças a respeito dos valores humanos no seu cotidiano, mas também para identificar e problematizar as diferentes manifestações do vivenciar valores, servindo, assim, como um laboratório que reserva inusitadas surpresas e magias para construção do eu com o outro e vice-versa.

Palavras-chave: criança, valores humanos, vivências em sala de aula, Educação Infantil.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	9
INTRODUÇÃO: OS VALORES HUMANOS NA VIDA DO SER HUMANO E SUA IMPORTÂNCIA	11
1. HUMANIZAR-SE É PRECISO... ..	15
2. DESENVOLVIMENTO	19
3. VALORES E EDUCAÇÃO	25
3.1 Mas o que é um valor?	25
3.2 E os valores humanos?	25
3.3 Um pouco de história.....	26
4 VALORES HUMANOS: PILARES DE SUSTENTAÇÃO E DE TRANSFORMAÇÃO DE UMA NOVA HUMANIDADE	28
4.1 A família, formadora dos valores humanos	28
4.2 A escola.....	31
5. CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE OS VALORES HUMANOS	36
5.1 Vivências: caminhos de reflexão, de expressão e do fazer na Educação Infantil.....	36
5.2 Práticas na Educação Infantil.....	37
5.2.1 1ª VIVÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE MOMENTOS DO NOSSO DIA A DIA (08/11/2012)	39
5.3.2 2ª VIVÊNCIA: SENTIMÔMETRO: O QUE ELE DIZ? (13/11/2012)	46
5.3.3 3ª VIVÊNCIA: UMA CAIXINHA CHEIA DE SENTIMENTOS E	

VALORES (20/11/2012)	49
5.3.4 4ª VIVÊNCIA: EXPRESSÕES ORAIS E GRÁFICAS SOBRE OS VALORES HUMANOS	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO: os valores humanos na vida do ser humano e sua importância

Ao pensar em um tema para escrever a monografia, deparei-me sobre o que escrever. Esta dúvida é muito natural, claro, porque muitos são os assuntos que poderiam ser desenvolvidos diante deste curso que me possibilitou pensar e rever a prática com as crianças. Foram muitos os caminhos encontrados para decidir qual o que mais me tocava e que tivesse relação com a minha prática atualmente.

Desde setembro de 2011, sou Orientadora Religiosa da Educação Infantil de um colégio confessional de Porto Alegre (RS), da rede privada, no bairro Três Figueiras. Por ser e fazer parte da minha vida a necessidade de entender o quanto trabalhar com crianças, na faixa etária entre 4 a 6 anos, vivências são importantes para tornar as suas vidas mais significativas, decidi navegar sobre os Valores Humanos. Escolhi dissertar sobre práticas em vivências, pois é através delas que nos reconhecemos, temos a possibilidade de partilhar experiências e, conseqüentemente, refletirmos sobre nossos valores pessoais e os comuns aos outros.

Quando nascemos, constatamos que somos os únicos seres que precisam de ajuda para viver: precisamos de alguém que nos dê de comer, nos dê banho, enfim, nos ensine. Dependemos de outros seres para interagir e criar vínculos a fim de nos constituirmos. Somos biologicamente seres humanos e, portanto, possuímos capacidades para viver e nos tornarmos sociáveis, mas, para tanto, precisamos de outros que nos ajudem.

Ao refletir sobre a sociabilidade do homem, retrato o cotidiano entre seres humanos que vivenciam fatos em seu meio para a construção da vida. Para existir essa construção é preciso perceber a importância de conviver e, nessas convivências, muitos são os ingredientes necessários para um ambiente sadio. Um ingrediente essencial são os valores humanos. Entre eles, que levo dentro de mim e que atribuo tamanha importância em se trabalhar com as crianças, estão: amor, solidariedade, cooperação, felicidade, honestidade, paz, respeito e responsabilidade.

O amor, por exemplo, transforma e, assim como os demais valores, é

fundamental à vida. Nossos atos refletem o que sentimos entre nós, com a natureza, com a vida e, portanto, é um valor deve ser preservado e perseverado em nosso meio diariamente. É desde o nascimento que se faz necessário ensinar a amar e assim no decorrer de toda a infância, vida que precisamos saber amar. É desta maneira que novos olhares e movimentos nascem para as práticas dos valores e para a constituição do *eu* e do *nós*.

Através de reflexões sobre as vivências e convivências na construção de valores na Educação Infantil, buscamos o reconhecer nas crianças o que trazem sobre eles em suas vidas. Todos os valores citados nos transformam: eles fazem mudar a vida e nossa própria visão de mundo. Ao pensar que os valores humanos são princípios que levam a nos constituir enquanto homens que visam a paz interior e exterior, trago este belo e essencial tema para reflexão, considerando formar um grupo de debate/estudo.

Por estar atuando neste cargo educacional aproximadamente há um ano e meio, desenvolvo atividades socioafetivas juntamente com o Serviço de Orientação Educacional e aprendo diariamente com as crianças sobre o seu jeito de ser, sentir, agir e pensar (até mesmo) sobre os valores humanos. A partir desta minha vivência, o seguinte questionamento surgiu: **por que os valores humanos merecem ser estudados? O que as crianças tem a dizer a partir de reflexões e vivências a respeito?**

Imaginem quantos movimentos interiores são realizados para responder às propostas... Eles são como curvas tentando descobrir os efeitos que trazem os valores humanos quando vivenciados em meios sadios. Imaginem ainda dobraduras: cada movimento feito é um valor construído ao longo de uma vivência possibilitada por um momento de interação com seus pares, familiares etc.

A partir da percepção de seus valores, certamente a criança se tornará um ser feliz, cheio de vida, de vontade de criar, ou seja, de se tornar ápice na transformação de atos, inclusive os que ela considerar inadequados, permitindo que seus pares e adultos possam também se sentir felizes, em paz e praticando a paz. Assim estimamos que possa ser a Educação Infantil: um espaço para formar pessoas mais conscientes, mais humanas e praticantes da cultura de paz.

Todas as ideias acima podem ser possíveis quando famílias e escolas

tornam-se verdadeiros parceiros, tendo o cuidado para que cada uma saiba até onde ir. As famílias muitas vezes invadem as áreas que perpassam a escola, dificultando muitas vezes a vida escolar.

A família, sendo a primeira instituição da sociedade a interagir com a criança (falando-se sempre em um ambiente e família saudável) deve, nessa interação, passar os valores humanos necessários para a convivência saudável. Mais tarde, ao ter contato com o meio escolar, também rico de elementos, sensações e atividades, as crianças terão continuidade ao que já viram e ouviram em casa.

Para concluir a minha justificativa pela escolha deste tema vem de encontro à necessidade de, cada vez mais, perceber o quanto o mundo precisa de cuidado: os seres humanos, a fauna, a flora, tudo que nos envolve e nos compromete para que tenhamos uma vida voltada para o bem, diante de tantas agressões às quais somos expostos diariamente. A reciprocidade de valores humanos em nossas vidas levam-nos a chegar a um consenso de que, na ausência deles, os homens viveriam em pleno meio de guerra, sem ajuda, sem amor, sem paz. Seria uma vida repleta de agressões, discriminações, mortes, falta de sentimentos.

Quanto vale a vida? Ela não tem preço! Queremos a humanidade cheia de grandiosidade de valores para que possam perpetuá-los entre seus entes. Queremos, cada vez mais, que as crianças, dentro de suas culturas, tenham oportunidades de reflexões e vivências com participações intensas, pois assim poderemos ouvi-las para que este *ouvir* sirva de mudança na sociedade. Elas devem ser ouvidas!

Hoje, os valores humanos nossos, de cada dia, não podem ser “substituídos” por meios tecnológicos, por falta de tempo dos pais, por questões que diferenciem aquilo que precisamos para viver em harmonia: famílias, escolas, culturas, sociedades. Precisamos fazer da nossa prática, cada vez mais, uma *prática dialógica, lúdica, reflexiva e participativa*. E trabalhar os valores humanos requer que seja uma prática envolvente, que possa tocar o coração de cada criança para que levem às suas vidas o que foi vivenciado e atingindo. Assim esta prática poderá alcançar aos que vivem ao seu lado: seu próximo.

Que os valores humanos de nossos dias possam transformar a nossa sociedade com intensa retomada em todas as instâncias da vida das crianças.

1. HUMANIZAR-SE É PRECISO...

Somos aquilo que vivenciamos e nos construímos na interação com homem, mundo, religião, sociedade, lazer, cultura, outros seres. O homem necessita do outro para se constituir, para se tornar um ser humano, para ser uma pessoa transformadora.

Apenas através de uma sociedade humanizadora, com condições sociais e políticas que se formam verdadeiros cidadãos. Cada ser é único, diferente e com suas características: são estas diferenças que enriquecem o outro. O meio, seja ele familiar, escolar, onde se encontram os vizinhos ou amigos, é um espaço de trocas, de conflitos, de construção de valores através de seus hábitos e costumes de vida.

Ressalto que, neste estudo, os valores humanos serão considerados fontes necessárias para vida no mundo pós-moderno, lugar em que encontramos a pobreza desses valores. Apenas através da valorização de nossos sentimentos mais nobres que é possível realizar uma construção verdadeira sobre como viver em sociedade, pois são nossos valores que nos compõem e causam a magnitude diante de um universo infantil.

Para Paulo Freire (1974), a vida humana só tem sentido a partir da busca incessante da libertação de tudo aquilo que nos desumaniza e nos proíbe de ser mais humanos, dignos e livres em nosso ser existencialmente situado. Quando incluímos, estamos, na verdade, humanizando. Para humanizar, temos que incluir as pessoas nas condições daquilo que chamamos de humano e de humanidade.

Muitas são as perguntas diante desta temática que assola o mundo. Quando se fala em “humanizar” a si e ao próximo, destaca-se sempre a necessidade de ver, o/no mundo uma maneira de transformar algo que está escasso. Transformar o mundo requer mudanças internas e externas de cada ser, exige desapego, desnudar de pré-conceitos ou conceitos que tornam as pessoas presas ao caminhar e ver o que é melhor para se sentir (e sentir o próximo) de forma humana. Muitas são as vontades, mas nem sempre são concretizadas de fato. Mas por quê? O que faz uma pessoa resistir a este fundamento tão bonito, genuíno, tocante?

Questiono-me o que fazer e como fazer para que se possa vivenciar o ato de humanizar pessoas. As crianças, seres de pureza, boniteza, que nos invadem com seus olhares de encantamento diante de qualquer possibilidade que lhe são apresentadas, elas nos surpreendem e são capazes de nos ensinar estes valores de forma tão simples. Apenas com um olhar conseguem amolecer o nosso coração.

O homem pode desenvolver com essas pequenas e imensas pessoas incríveis. Pode aprender a conviver e sentir-se bem. Mas como isso acontece? O que faz delas seres capazes de captar estes atos tão simples e que nos faz perceber que transformações são visíveis e que nos modificam? O que elas pensam sobre esses valores que, só através do exemplo dos adultos (pais, professores) podem ajudar a colocá-los em prática?

Trabalhar com as crianças da Educação Infantil permite sonhar, pensar, aprimorar, e chegar a um espetáculo de humanização porque é através delas que conseguimos atingir o nosso objetivo: tocar o coração das pessoas e ver que existe, sim, que é possível perseverar os valores humanos na sociedade. Como? Eis a questão! O que as faz transformar o mundo? Será que é tão simples esse pensar?

Falar sobre valores na infância é poder caracterizar uma faixa etária em que tudo é possível, em que tudo se constrói a partir de um gesto simples, mas cheio de alegria, de entusiasmo, de cores. Suas leituras e iniciações de letramento são formidáveis e demonstram através de seu sorriso o que mais tem de significado em seu jeito de ser. E, com exemplos sadios, desejados e diários, o resultado é sempre o que se pode corresponder ao que se quer de uma criança para um adulto mais humano e feliz: um ser capaz de transformar a si e ao próximo diante/dentro de qualquer realidade.

Os valores abarcam maneiras de ser/agir e acontecem a partir do momento em que são demonstrados através do exemplo e interação/relação de bem-querer entre os adultos, sejam eles pais, professores, parentes ou desconhecidos.

A arte de humanizar a vida através das crianças caracteriza-se pela prática educativa que desenvolve diferentes valores, princípios que tocam os corações, despertam o *ser mais* gente e as tornam mais sensíveis, mais felizes consigo mesmos e com o próximo. Isso tudo retoma a face do *ser mais*, do

chegar ao encontro consigo e com o outro através de práticas que fazem refletir o quê, o como e o porquê as deixam felizes. *O que me faz sentir mais feliz?* Eis nossa pergunta norteadora.

Como desenvolver um trabalho de humanização verdadeiro nos dias de hoje quando falta o cuidado com o universo, com o outro, com o lado espiritual, com a unidade das coisas, com as crianças (aqui, em particular, crianças de 5 e 6 anos) de maneira que possam se sensibilizar e levar para si e para o próximo este humanizar? É fundamental dar possibilidades para que cada uma possa vivenciar os valores essenciais em seu dia a dia.

Queremos um mundo mais humano, mais vivo, cheio de paz, de transformação, de constante desenvolvimento de valores. O que fazer e como fazer? *Como as crianças veem o humanizar cotidiano? Em suas vidas? Em casa? Na escola? O que diriam diante de alguém que chegasse a elas e lhes perguntasse: “o que é o amor?”, “o que é a amizade?”, “e o respeito?”. “Se colocarmos todas essas palavras em uma caixa especial, o que significaria para ti?”*

Diante destas questões que começam, sem dúvida, desde a infância, nos mobilizamos pelas suas sensações, sentidos, transparências, ingenuidades, sinceridades e naturalidades, pois nos fazem bem e trazem respostas para as nossas inquietudes, dúvidas e alegrias. São sensações que nem imaginávamos ou lembrávamos ter.

Coloco a vida da humanidade nas mãos dos nossos pequenos futuros grandes homens. Grandes crianças que abarcam situações de vida que nos fazem pensar sobre a verdadeira construção dos valores humanos em seu cotidiano. Veja bem, não quero transferir responsabilidades a eles, não! Essas são das famílias, dos educadores, governantes...

São através de possibilidades de novas descobertas significativas que eles levarão valores humanos para suas vidas e jamais esquecerão, buscando a transcendência da prática em diferentes contextos. Os governantes que façam a sua parte e, efetivamente, possam colocar em prática as políticas públicas pensadas e institucionalizadas capazes de mudar realidades inaceitáveis e transformá-las em realidades dignas de pura felicidade, pois nós viemos ao mundo para sermos felizes. Todos nós fomos, um dia, criança e ainda a temos dentro de nós, portanto não esqueçamos que viemos do feto

para o afeto! Viemos de um lugar aconchegante, cuidadoso e queremos proporcionar às nossas crianças uma vida que é uma eterna criança que nos faz sonhar/imaginar uma realidade sempre melhor e construir um mundo capaz de reverter o sofrimento.

Finalizo expressando a importância de se ter, cada vez mais, estudos a respeito desta temática nesta faixa etária, estudos que realmente contemplem o humanizar das crianças *ouvindo suas vozes* (que nos dizem cada uma!) que, inesperadamente, dão sentido que abarcam fatos inusitados de nossas vidas. Por isso, também o meu desejo de vivenciar com elas o que pensam e sentem, sobre o que as mobilizam ao participar deste humanizar tão claro e belo que se deseja no cotidiano de cada um de nós; que sentimentos estão por trás das ações do dia a dia. De aprimorar ainda mais estudos/materiais que poderão ajudar em práticas educativas que levem as crianças a vivenciar concretamente o que é necessário para humanizar as crianças, nossos futuros adultos do mundo. O mundo precisa de constantes empenhos, esforços para que o discurso verbal se torne um discurso real, atual e prático.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Reflexões teóricas sobre humanização

Hoje nos encontramos numa fase nova na humanidade. Todos estamos regressando à Casa Comum, à Terra: os povos, as sociedades, as culturas e as religiões. Todos trocamos experiências e valores. Todos nos enriquecemos e nos completamos mutuamente. [...]

Vamos rir, chorar e aprender. Aprender especialmente como casar Céu e Terra vale dizer, como combinar o cotidiano com o surpreendente, a imanência opaca dos dias com a transcendência radiosa do espírito, a vida na plena liberdade com a morte simbolizada como um unir-se com os ancestrais, a felicidade discreta nesse mundo com a grande promessa na eternidade. E, ao final, teremos descoberto mil razões para viver mais e melhor, todos juntos, como uma grande família, na mesma Aldeia Comum, generosa e bela, o planeta Terra. (BOFF, 2001, p. 9)

Iniciando o diálogo com as belas palavras de Leonardo Boff no pensamento acima, desejo de expressar a harmonia da vida entre as pessoas, combinando o conhecimento com a natureza; fazendo trocas necessárias para humanizar-se e humanizar o próximo, com descobertas e transcendências. São “anúncios” diários de eterna felicidade, de busca incessante de aprendizado, *por serem curiosas*, mais e melhor, como um objetivo maior: o de querermos a paz interior para vivermos em constante humanização. Isso é humanizar!

Vimos ao mundo para sermos felizes. Repito: viemos do feto para o afeto, e é isso que queremos! Tornar a vida mais afetiva, com boniteza, paz, amor, solidariedade, ajuda, respeito... São estes valores que fazem a diferença no ser humano. A criança é o ser que queremos diferenciar no meio de tantas pessoas que massacram o mundo e não sabem o que mais lhes faz sentirem felizes. Nessa condição, a vida precisa ser eternamente revisada, sentida, costurada, recosturada, recortada, saboreada, poetizada para a busca de uma linha de tempo de vida mais contemplativa.

A palavra “humanizar” retrata esta vida contemplativa que se revela na medida em que percebemos nossos valores inerentes e o quão necessário é tomar conhecimento da existência deles. Os valores fazem parte da humanidade ou deveriam estar fortemente atrelados ao ser humano com o

objetivo de enaltecer o bem-comum da sociedade. É preciso saber que humanizar é condição interna, elementar, necessária para que o homem viva em constante paz, felicidade na sociedade para transmitir o mesmo aos seus próximos.

Leonardo Boff traz , em suas sábias palavras, o *cuidado*. O autor aponta que

Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” (BOFF, 1999, p. 33)

A seguir, ele descreve bravamente o que é o ser humano. Quando humanizamos estamos proporcionando a nós e ao próximo o ato de cuidar, de vivenciar:

O ser humano é essencialmente um ser de necessidades que devem ser satisfeitas; é um ser de participação, um ator social, um sujeito histórico pessoal e coletivo de construção de relações sociais o mais igualitárias, justas, livres e fraternas possíveis dentro de determinadas condições histórico-sociais. (BOFF, 1999, p. 35)

Em uma publicidade hospitalar, encontrei outra definição que gostaria de mencionar: "Humanização depende de nossa capacidade de falar e de ouvir, depende do diálogo com o outro, depende do reconhecimento que fazemos da humanidade que existe em nós e no outro".¹ Esta definição nos leva a refletir o quanto precisamos aprender a ser humanos para com os demais, a fazer o bem para crescermos. Isto leva a crer que necessitamos realizar constantes ações humanas que promovam o descobrir que existe o ato de humanizar dentro de nós, e que basta exercitá-lo através da interação. Nessa construção, nos envolvemos e desenvolvemos; conseqüentemente, nos mudamos e nos transformamos.

O contexto em que vivemos regride às ideias acima, pois ele é cheio de adversidades. Isso nos leva a deduzir que o ser humano perde-se ao tentar negar a sua própria natureza, que é humana. O humano deixa de sê-lo quando

¹ HOSPITAL SÃO MATEUS (SP). Disponível em: <<http://www.hospitalgeralsaomateus.com.br/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

carece de valores como amor, paz, atenção, solidariedade, cooperação, respeito, seja na educação, na família ou na sociedade. Enfim, em todos os espaços dignos de uma vida saudável, sociável. Aqui cabe a reflexão do que se pode fazer na educação para que o aprender a conviver seja rico de momentos de humanização, de descobertas do seu ser e do ser do outro, na construção de um *eu mais humano e de relações mais saudáveis com o outro*.

Destaco as palavras de Regina Ogler Sordi (2003) que sensibilizam para o fato de nos conhecermos para que possamos, inclusive, também atender o próximo. Ao criarmos vínculos, estaremos nos fortalecendo para que possamos ajudar o outro. Desta forma, aflorará a sabedoria necessária para cuidar do outro:

Para cuidar do outro, atender ao outro é preciso estar atendendo a si próprio, prestar atenção a si mesmo. Atender-se é fazer contato com a nossa história, com o como fomos cuidados, com como nossos vínculos se fortaleceram, ou se enfraqueceram, com as atenções e desatenções que recebemos, com nossas dores, com nossas alegrias... Precisamos fazer esse material trabalhar em nós, pois aí reside nossa sabedoria. E nossa sabedoria é o que de mais genuíno podemos oferecer ao outro. (SORDI, 2003, p. 12)

A partir desta abordagem podemos levantar prioridades fundamentais para se viver bem e melhor. Considero que os sentimentos expressos por palavras e gestos dão o tom da vida àquilo que deve ser despertado dentro e entre nós. As palavras fazem expressar nossos sentimentos; os gestos registram em nossos pensamentos e corações a vida, que é a razão mais ilustre que se possui, regada por eternas “humanizações”. Essa é a grande diferença e ela começa em nossas crianças. É desenvolvendo nelas os valores que integram a humanidade que teremos adultos felizes!

O Professor Ernani Maria Fiori refere-se na introdução de *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, que a *palavra* como sendo responsavelmente “[...] a missão do homem, ele há de aprender a dizer a sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o” (1974, p. 5). Ser a sua palavra é ser verdadeiro, é ser humano. É preciso compartilhar esta palavra verdadeira

com o próximo, vivenciando momentos, comunicando-se com os outros, tornando-se, assim, humanizado este mundo no qual habitamos. Assim se dá a educação!

Para Freire a educação se dá a partir de reflexões diante de realidades culturais dos povos e apresenta “o antagonismo entre duas concepções, uma, a ‘bancária’, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí” (1974, p. 78).

Freire ainda reforça que “[...] a concepção ‘bancária’ dá ênfase à permanência e a concepção problematizadora reforça a mudança” (1974, p. 84). Com estas concepções, pode-se afirmar que, para humanizar, deve-se mudar o jeito de ser e visualizar o ser humano como meio de transformar o olhar do eu e do outro. Garantir às crianças de 5 e 6 anos oportunidades de reflexão, concretização, ludicidade e sensibilização para, cada vez mais, tê-las como transformadoras mirins, é uma forma de visar o melhor a fazer na vida como cidadãos autônomos, pensantes, críticos, pois como também disse Freire, “Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas” (1974, p. 6-7).

O autor também afirma que *ser mais* significa exatamente a possibilidade que se apresenta ao homem concreto, de deixar de ser coisa, de se humanizar. Essa possibilidade é fundamental em sua experiência humanística. O compromisso radical com o homem concreto não pode ser passivo: ele é *práxis*, inserção na realidade e conhecimento científico desta realidade.

Na medida em que está aberta para todas as verdades e incorpora todo o bem, esta postura humanizadora é instrumento de tolerância e, mais do que tolerância, de amor. É instrumento de liberdade, igualdade e paz. Trata-se da busca da transcendência humana, do *ser mais*. E, como ele afirma, “Esta busca do *ser mais* não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (1974, p. 69). Também o amor, sentimento sobre o qual nos detemos anteriormente, torna a aparecer como fundamental para a formação de valores.

Segundo o *Dicionário de Paulo Freire* (2008, p. 37), a concretude da produção do sentido e do sentir amorosidade/amor deve ser trabalhada como uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma condição de

finalidade existencial ético-cultural no mundo e com o mundo. Uma amorosidade partilhada que proporcione dignidade coletiva, além de utópicas esperanças de que a vida é referência com justiça neste mundo.

A vontade de se querer, cada vez mais, que o homem possa expressar um gesto que faça a diferença é verdadeiramente uma maneira de experienciar um compromisso com a realidade onde vive. As mudanças por uma *práxis*, de fato, requer convívio com outras pessoas para construção de novos desafios na vida de cada um. Não podemos esquecer de que tudo que é humano deve ser valorizado.

Através de seus estudos sobre Paulo Freire, Euclides Redin escreve, com muita propriedade, que a boniteza faz parte da concepção da vida, bem como a amorosidade, bem-querer, amizade, solidariedade. A vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo (2008, p. 66-67). Zitkoski ainda propõe que

[...] novas bases teórico-filosóficas enquanto fundamento da vida humana em sociedade na busca de construir caminhos que nos levem a ter no futuro próximo um mundo mais humanizado e feliz. O diálogo é o fundamento antropológico que nos inspira a partir da obra freireana a alimentar a esperança na construção de processos sócio-culturais emancipatórios, que venham a concretizar a utopia de um mundo mais humanizado. (ZITKOSKI, 2005, p. 1)

É exatamente isso que queremos para as nossas crianças: que elas vivenciem, participem, sejam *seres mais humanos*, felizes para um mundo com cara de criança, de criança (criança e brincar). É só através da prática do diálogo, de gestos solidários e considerando a conscientização do homem para o bem, que buscaremos as mudanças internas e externas de uma sociedade massificada pela violência, pelo capitalismo selvagem, pela mídia devassadora. Utopia?!? A ideia é acreditar e encantar-se com o que as crianças têm a nos dizer. Conforme eu disse anteriormente, acredito que muitas respostas estão nas crianças. Que tal ouvi-las mais?

Ao escutá-las, estamos dando possibilidades para expressarem seus pensamentos, seus sentimentos através de suas reflexões que são diariamente realizadas com o seu meio. Desta forma, as crianças estarão construindo o seu jeito de ser.

Luís Dalla Rosa (2012) argumenta que “é na autenticidade do encontro com o outro e a outra que os seres humanos vão se constituindo sujeitos da própria história” (p. 25). Acrescenta ainda que “é no encontro face a face, que a humanidade constrói o caminho da libertação, que é a própria abertura do eu ao outro, sinalizando ali a passagem do inaudito” (p. 25). Esta reflexão refere-se ao desejo de se querer uma educação que desperte nas pessoas a sabedoria do amor, valor que a humanidade precisa fortalecer quotidianamente, e ainda a descoberta no/com/para o outro de se criar laços de trocas, de pura interação.

Assim, “à medida que o ser humano se abre para o outro e busca, diante desse outro assumir uma atitude de acolhida, a vida vai como que se revelando em mais vida” (DALLA ROSA, 2012, p. 28). O autor prossegue: “em tempos de tantos desencantos e pessimismos provocados pelos variados desencontros inter-humanos – guerras preventivas, terrorismos, crises econômicas [...] é preciso de reinventar, ousar, inovar o sentido que nos faz mais humanos” (2012, p. 152). Isto reflete um clamor por valores que está atualmente ecoando na terra à medida que educadores, pais e crianças estão cada vez mais preocupados e afetados pela violência, por problemas sociais e falta de respeito mútuo em todo mundo.

Por isso, uma reflexão considera:

A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade.²

² Autoria atribuída a Carlos Drummond de Andrade, mas não há referência em publicação sua.

3. VALORES E EDUCAÇÃO

3.1 Mas o que é um valor?

Dentre os vários teóricos que conceituam a palavra “valor”, escolhi a definição de Marilu Martinelli (1996, p.14): na filosofia, a disciplina que estuda os valores é a axiologia, a crítica dos valores. Valores são bons princípios que determinam e também elevam o caráter e a personalidade do ser humano. São atitudes como Honestidade, Amor ao Próximo, Respeito, Paz, Cidadania, Ética, Moral que permitem que as pessoas possam viver em conjunto numa sociedade democrática, na vida.

Dar oportunidade às crianças de pensar, refletir, vivenciar os valores, na família, na escola, na sociedade, é torná-las *capazes* de criar condições para mudar o hoje e o amanhã; transformar o mundo. É fazê-las reposicionar-se diante de situações do dia a dia criando condições de análise crítica, dando condições da criança colocar-se no lugar do outro. É uma questão de alteridade, acima de tudo trazendo presente a necessidade de interagir com o outro e assim constituir-se um ser humano.

3.2 E os valores humanos?

Para Martinelli (1996, p.15) – “ Valores humanos são fundamentos morais e espirituais da consciência humana. Todos os seres humanos podem e devem tomar conhecimento dos valores a eles inerentes. A causa dos conflitos que afligem a humanidade está na negação dos valores como suporte e inspiração para o desenvolvimento integral da potência individual e, conseqüentemente, social. Não é possível encontrar o propósito da vida sem esses valores que estão registrados em nosso ser profundo, ainda que adormecidos na mente e latentes na consciência. Os valores são a reserva moral e espiritual reconhecida da condição humana.”

Com sua definição, Martinelli ilustra o que até então escrevi sobre a teoria de Freire, de Boff e de Dalla Rosa, que abordam *valores* como

ingredientes fundamentais para que a humanidade possa viver em uma sociedade constituída por movimentos que levem o ser humano a ser mais reflexivo, crítico, com interações que promovam o aprender/ensinar com/para o outro.

Marilu Martinelli também considera que

Os valores não devem ser encarados como algo abstrato ou estanque, nem como um código de conduta imposto de fora para dentro. A educação em valores na família e na escola deverá incrementar a capacidade de discernimento dos alunos e conscientizá-los da importância das suas escolhas. Assim, a educação consolida os valores e virtudes já existentes nos alunos e incentiva a superação de erros e defeitos. (MARTINELLI, 1999, p. 21)

Martinelli fala sobre a educação em valores na família e na escola como sendo ingrediente fundamental, fonte de capacidade de discernimento das crianças a fim de conscientizá-los cada vez mais para escolhas importantes em suas vidas que as façam fazer o bem; serem pessoas boas que promovam a paz.

3.3 Um pouco de história...

Os valores humanos são tão antigos quanto a própria espécie humana, até mesmo porque assim o demonstram os achados pré-históricos dos diversos grupos humanos na face da terra. No entanto, somente após a concepção da escrita e os primórdios da *polis*, na Grécia Antiga, especialmente com o aporte dos pré-socráticos e, mais tarde, com os socráticos, é que o conceito de valor ganha espaço na emergência da sistematização do conhecimento humano ancorado na gênese da Filosofia, a mesma que logo se foi tornando na árvore genitora de todas as ciências modernas, como elucidam Infante e Souza (2003).

Os chamados “valores universais” são os pilares para a convivência entre cidadãos de todo o mundo. Eles foram definidos na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH), adotada e proclamada na Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) de 10 de dezembro de 1948. Criada logo após o término da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), o grande foco da

Declaração Universal era garantir o direito de igualdade entre os povos sem ir contra a diversidade das muitas culturas espalhadas pelo mundo.

Os valores descritos nessa declaração têm como objetivo principal nos ajudar a ver a diferença entre o certo e o errado. Eles foram pensados para mostrar a cada um de nós a melhor maneira de agir para conviver bem com pessoas e culturas diferentes de nós.

Em seu primeiro artigo, a declaração diz que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”, são “dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”. Essas palavras tornam-se cada vez mais fortes e importantes neste mundo globalizado em que vivemos, onde reconhecer a igualdade entre os indivíduos, independentemente de cor, raça, religião, condição social ou opção sexual é a base para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Um outro documento é a *Declaração do Milênio das Nações Unidas*, um documento histórico para o novo século. Aprovada na Cimeira do Milênio, realizada de 6 a 8 de Setembro de 2000, em Nova Iorque, ela reflete as preocupações de 147 Chefes de Estado e de Governo e de 191 países, que participaram na maior reunião de sempre de dirigentes mundiais. Os Chefes de Estado e de Governo reuniram-se na Sede da Organização das Nações Unidas, no início do novo milênio, para reafirmar a fé na Organização e na Carta como bases indispensáveis de um mundo mais pacífico, mais próspero e mais justo compreendendo os seguintes valores: liberdade, tolerância, responsabilidade comum, respeito com o outro, solidariedade e a igualdade. Por serem valores que transcendem religião e são próprias da espécie humana, cito Dalai Lama: “Se a criança não receber a devida atenção, em geral, quando adulta, tem dificuldade de amar seus semelhantes”.

4. VALORES HUMANOS: PILARES DE SUSTENTAÇÃO E DE TRANSFORMAÇÃO DE UMA NOVA HUMANIDADE

4.1 A família, formadora dos valores humanos

É preciso ensinar a amar. O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.³

Segundo a Lei de Diretrizes Curriculares e Bases da Educação Nacional, a família constitui o primeiro contexto de educação e cuidado do bebê. Nela, ele recebe os cuidados materiais, afetivos e cognitivos necessários ao seu bem-estar, e constrói suas primeiras formas de significar o mundo. É a primeira e principal instituição onde os valores humanos devem ser desenvolvidos para gerar um ser saudável e, referenciando Dalai Lama, um adulto amável capaz de conviver com o seu próximo.

A diversidade, é claro, é um grande desafio. As culturas são diferentes, as famílias vivem de maneiras diferentes e, por isso, apresentam diferentes configurações. Ocorre que o mundo hoje, definido como pós-moderno, exige a participação da família na vida de seus filhos de forma mais intensa, o que muitas vezes não ocorre devido às múltiplas tarefas. Mas os filhos pedem atenção.

De acordo com Philippe Ariès, as crianças eram vistas nos séculos XIV, XV e XVI como um adulto em miniatura. O tratamento social dispensado a criança era igual ao de adultos, ou seja, sinônimos. Ser criança era um período breve da vida, pois logo se misturavam aos mais velhos. Elas participavam de todos os assuntos da sociedade, adquiriam o conhecimento pela convivência social. O historiador Ariès complementa:

[...] o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue

³ Autoria atribuída a Fernando Pessoa, mas não há referência em publicação sua.

essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS *apud* SILVA, 1981, não paginado)

É só a partir do século XVI que mudanças de concepções referentes à criança e a infância são notadas. Do século XVI para o XVII, na Europa, começam a perceber a criança como um ser diferente do adulto. Surge um sentimento de infância. Sentimento esse um pouco distorcido, uma vez que as crianças eram vistas como objeto lúdico dos adultos. Um sentimento que poderíamos chamar de paparicação. Começa a se falar sobre a sua fragilidade, comparando-as com anjos. A concepção moral da infância associava a fraqueza com a inocência, pois refletia a pureza divina da criança.

Neste momento a infância estava começando a ser descoberta na Europa como uma idade específica da vida, como nos lembra Ariès, pois inexistia o sentimento de infância antes da Idade Moderna, constituía a época em que estava ocorrendo à colonização do Brasil. Dessa forma, os europeus, enquanto colonizadores trouxeram seus valores, costumes, e naturalmente suas ideias referentes à infância para o Brasil. Assim, dentro dessa nova construção moderna, foram sendo soterradas concepções de criança como um adulto anão e paulatinamente foi cedendo lugar para a afirmação da infância como uma construção social.

A educação é vista como a obrigação humana mais importante, por isso colégios, pequenas escolas e casas particulares que procuram aumentar disciplina rigorosa, moralidade e mudanças de hábitos começam a se multiplicar. Essa doutrina desenvolveu alguns princípios:

1°. Não deixar as crianças sozinhas; sempre com uma vigilância contínua (as crianças ricas eram confiadas a preceptor).

2°. Evitar mimar e habituá-las cedo à seriedade.

3°. Recato e preocupação com a decência.

4°. Ensinar a ler bons livros, evitar canções populares, comédias, espetáculos, contato com os criados.

5°. Evitar tratamentos íntimos; substituir “tu” por “vós”.

O sentido da inocência infantil resultou em atitude moral, desenvolvendo o caráter e a razão. Uma devoção particular passou então a ser dirigida à infância sagrada. O menino Jesus passa a ser representado sozinho (longe da sagrada família).

Há também uma valorização dos trechos do Evangelho em que Jesus está com as criancinhas. Uma nova devoção do anjo da guarda se estabeleceu. Neste período os pequenos Santos e as crianças Santas são valorizadas para outras crianças como modelo a ser seguido. A 1ª Comunhão iria se tornar progressivamente a grande festa religiosa da infância. Só seria admitido quem estivesse preparado, tendo um comportamento sério. Na sociedade medieval, o sentimento da infância não existia.

Embora tenham surgido leis na Europa, desde o século XIX, para a proteção da criança, até hoje nem todas têm seus direitos assegurados. Em 1959, foi proclamada a Declaração Universal dos Direitos da Criança, sendo que o Princípio 1 reza:

Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família. (1959, p. 1)

Ao longo do tempo, no mundo pós-moderno, a infância foi sendo estudada, vista e revista cada vez mais como fase da vida de muita relevância. São seres humanos que vivenciam experiências históricas, geográficas, sociais e que são inseridos em meios a fim de interagir com seus pares constituindo-se pessoas adultas.

Ao longo da vida de uma criança, passam a ocorrer experiências com o meio e pessoas onde vive e, desta forma, começa a interagir criando vínculos e participando de construção de valores humanos.

Concluo esta parte trazendo a interessante abordagem de Celso Ribeiro Bastos e Ives Gandra da Silva Martins (1988) sobre valores humanos. Para eles, colocar valores humanos significa, sobretudo, destacar no homem a capacidade de poder ser produtor da realidade construída a partir de uma

consciência do que valoriza, transmite, realiza e transforma. Tem sido esta a história da evolução humana desde o seu aparecimento no Planeta Terra. Pela sua especial inteligência em relação aos animais, a sua mente ocupou-se também na construção de princípios que lhe permitissem estabelecer uma distinção entre o bem do mal, isso até mesmo como forma de estabelecer um caminho para a busca do seu ideal de realização da felicidade. Essa consciência, menos clara nos primeiros homens, mas já detectada na pré-história, foi evoluindo na medida em que se tornou capaz de acumular conhecimentos e descobrir uma realidade em a si mesmo.

4.2 A escola



Lembra-te de que não há aprendizagem sem que os afetos estejam implicados.
(Santo Inácio de Loyola)

A escola pode estimular o desenvolvimento de valores saudáveis nas interações, tais como a cooperação, a solidariedade, o companheirismo e o coletivismo. As atividades em grupo devem alternar-se com atividades individuais fazendo assim uso das alternâncias comuns nesse estágio para promover o desenvolvimento de mais recursos de personalidade. (WALLON, 1937, p.34)

Segundo a Lei nº 9.394/96, artigo 29, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Ela tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade em seus aspectos físicos, afetivos, intelectuais, linguísticos e sociais, complementando a ação da família e da comunidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (LEI N. 9.394/96, Art.1º). O paradigma do

desenvolvimento integral da criança a ser necessariamente compartilhado com a família, adotado no Artigo 29 da mesma Lei, dimensiona finalidades na consideração das formas como as crianças, nesta etapa da vida, vivenciam o mundo, constroem conhecimentos, se expressam, interagem, manifestam desejos e curiosidades de modo bastante peculiar.

A escola visa uma vivência digna de valores humanos e não de resultados. Pode-se dizer que, neste colégio onde atuo há mais de 6 anos, onde foram realizadas as vivências, as crianças interagem de diferentes maneiras, seja no pátio brincando com areia, baldes, escorregadores, balanços ou pulando cordas, seja nas aulas especializadas, nos passeios que possibilitam o descobrir, o reencantar-se com o universo da infância. Tudo faz parte de práticas sociais que promovem ainda mais a construção dos valores humanos entre os pares nos mais diferentes contextos.

Observando a história da educação no período da Idade Média, podemos notar o progresso do sentimento da infância: a escola e o colégio tornaram-se, desde o início dos tempos modernos, um meio de isolar as crianças justamente no período de formação moral e intelectual. Desse modo elas são separadas da sociedade dos adultos, visto que, na Idade Média, as diferentes idades eram misturadas e lançadas, aliás, a um ambiente inadequado para a aprendizagem.

No século XVII, as crianças foram separadas das mais velhas (de 5 a 7 e de 10 a 11 anos), tanto nas pequenas escolas como nas classes inferiores dos colégios. E, no século XVIII, os ricos foram separados dos pobres, tendo dois tipos de ensinos: uma para o povo, e o outro para as camadas burguesas e aristocráticas. A relação entre esses dois fenômenos é que eles foram a manifestação de uma tendência geral ao enclausuramento. Isso que levava a distinguir o que estava confundindo e a separar o que estava apenas distinguido. Isso resultou nas sociedades igualitárias modernas que substituíam as promiscuidades das antigas hierarquias.

O estudo de Ariès possui dois fios condutores: o primeiro é a constatação de que a ausência do sentido de infância, tal como um estágio específico do desenvolvimento do ser humano até o fim da Idade Média; ele abre as portas para uma interpretação das chamadas sociedades tradicionais ocidentais. O segundo é este mesmo processo de definição da infância como

um período distinto da vida adulta, que também abre portas para a análise do novo lugar assumido pela criança e pela família nas sociedades modernas. Sua obra foi precursora, portanto, de um novo campo que ficou conhecido como *história da infância* e gerou diversos trabalhos subsequentes.

A escola infantil faz parte dos grupos sociais (logo depois da família) que envolve a criança para interação.

Para esta etapa, no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil encontram-se três princípios que devem ser viabilizados pelas propostas pedagógicas: São eles:

ÉTICOS: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades;
POLÍTICOS: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
ESTÉTICOS: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010, p. 16)

A afetividade produz a solidariedade, a generosidade, a compaixão e a capacidade de amar. Ameniza a dor e aponta caminhos mais sublimes. Toda pessoa é dotada de sentimentos que a capacitam a agir afetuosamente, mas que, muitas vezes, encontram-se cristalizados em virtude de um mundo que se torna cada vez mais violento e com seres humanos insensíveis. Protelam-se o processo de amar, não permitindo que tal sentimento venha romper barreiras e florescer em atitudes que fariam diferença em muitas vidas e na própria história.

Refletir sobre práticas afetivas exige sensibilidade, um coração generosamente humano, desprovido de violência e preconceitos que degradam relacionamentos. Requer contemplar o *ser real* e não *ideal*. Em uma sociedade, cujo cenário traz como discurso o individualismo e a competição impera nos relacionamentos, torna-se urgente educar com afetividade, trazendo à tona sentimentos e tantos valores esquecidos.

Faz-se necessário reavivar temas que estimulem a esperança de um futuro melhor e expectativas que retratem o verdadeiro significado da essência humana. Diante de tantas inquietações que levamos ao longo deste módulo, do contexto histórico da primeira infância até a idade de nossa pesquisa, nos

chama a atenção a frase de Deise Gonçalves Nunes: “A infância é a etapa do desenvolvimento da sociabilidade humana e fase de aquisição de conhecimentos e experiências” (2007, p. 8). Essa afirmação nos suscita a ideia de tamanha importância intrínseca que proporcionar meios de cuidar e educar a criança de 0 aos 6 anos pode causar na formação humana de crianças.

O que me chama muito a atenção é a falta de coerência entre a teoria e a prática. O que quero dizer com isso? Ou melhor, o que quero entender? Que valores os responsáveis pela elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2011 e do Projeto Lei 8035/2010, que estabelece as diretrizes do PNE para o decênio 2011-2020 e que está em tramitação no Congresso Nacional desde o final de 2010, priorizaram para criar “maravilhas” de parágrafos, incisos, metas? Quais são as reais intenções para a primeira infância? Desta vez serão cumpridas tais metas? De que maneira?

Muitas são as críticas ao PNE 2001-2011 e ao Projeto Lei 8035/2010. Sabemos que não houve um diagnóstico e uma avaliação para o primeiro, e que o segundo ainda não foi votado no Congresso Nacional. Isso acarreta em uma grande dúvida sobre o belo escrito e o colocar em prática o que se pensa e o que se fala.

A importância de se pensar nos protagonistas (crianças – adolescentes – jovens – adultos) desta história nos mobiliza para um contexto muito mais amplo do que se imagina. Consta na Constituição de 1988 que o Estado tem o dever com a educação e, com isso, faz-se necessário haver um Plano Nacional de Educação consistente e de efetiva realização, comprometido de forma consciente para com a realidade educacional e baseado no debate estabelecido e aprovado na Conferência Nacional de Educação (CONAE).

A base está em ouvir as partes para construir, de fato, um documento que abranja as reais necessidades do meio educacional. E como fazer isso? Os movimentos estão formados e saindo para as “praças” com o propósito de reavivar e tornar cada vez mais eficaz o fazer educação com *qualidade*. São muitas as exigências e o comprometimento é muito maior. E precisa-se de recursos para a execução do que se quer. O Estado está preparado para isso? Os 7% do PIB serão suficientes? Muitas são as perguntas e queremos, sem dúvida, respostas imediatas e de resultados.

Nossos protagonistas não podem esperar e deixar de receber o que de

mais excelência existe em suas vidas: a *educação de qualidade* que os tornará verdadeiros cidadãos dignos de transformação da sociedade, que exige, cada vez mais, que tenhamos uma postura crítica, política, social e democrática do fazer.

5. CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE OS VALORES HUMANOS



5.1 Vivências: caminhos de reflexão, de expressão e do fazer na Educação Infantil

Há mais de 6 anos atuo em um colégio da rede privada que se encontra em Porto Alegre (RS) no bairro Três Figueiras. Esta escola tem como objetivo maior a excelência humana. Resgata os princípios e valores de uma instituição confessional, desenvolve em suas crianças e seus alunos vivências que levam a uma reflexão sobre suas ações e que transcendem o seu fazer.

Leonardo Boff (2009) coloca em contracapa que “Viver a transcendência é ultrapassar sempre a realidade concreta rumo ao infinito”. O autor continua ao longo do texto: “O ser humano é um ser de total e absoluta abertura, um ser de transcendência, um projeto infinito.” (BOFF, 2009, p. 72).

Isso é só o começo... É a partir das crianças que se inicia esta caminhada que oportuniza gestos de reflexão sobre suas ações como seres infinitos, a expressão de opiniões de diferentes maneiras e que devem ser valorizadas. Cabe a escola, enquanto formadora de pessoas críticas e transformadoras (eternos ensinantes e aprendizes) a tornar nossa realidade uma realidade de transcender os valores humanos no dia a dia, abrangendo contextos que as envolvam a fim de mudar na família, na sociedade, na escola o que desumaniza, o que desintegra a vida social, neste caso, de uma criança.

Ser Orientadora Religiosa (SOREP – Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e Pastoral) da Educação Infantil possui uma grande responsabilidade. Requer um forte empenho para que se desenvolva um trabalho que contemple o que há de importante na vida do ser humano: seus valores. Desenvolvemos um trabalho rico de ações para que as crianças interajam, de fato, através de reflexões e vivências sobre valores que permeiam as nossas vidas, tanto na escola quanto nas famílias e entre outros contextos. É um trabalho que se está buscando qualificar dentro dos desafios na contemporaneidade: o ser e o fazer na Educação Infantil, conjugado com o

Serviço de Orientação Educacional (SOE) juntamente com o Serviço de Orientação Pedagógica (SOP), o Serviço de Orientação de Convivência Escolar, crianças, professores e famílias, que perpassam por todas as áreas de vivências integradoras da infância. Procura-se fazer um trabalho interdisciplinar.

As práticas foram realizadas em uma turma de B1 formada por 9 crianças, dentre elas 4 meninas e 5 meninos, com idade entre 5 e 6 anos. A professora titular foi convidada a participar deste estudo, ajudando na escrita das informações/expressões orais observadas nos encontros com as crianças e comigo.

Por motivo da escola não permitir o uso de imagens das crianças, os depoimentos das crianças foram transcritos para ilustrar a ideia das mesmas sobre o seu olhar a respeito dos valores humanos em suas vidas e na do próximo, assim como em demais contextos de suas vivências. Elas foram identificadas por nomes fictícios, mas com suas reais idades.

5.2 Práticas na Educação Infantil

Quem ama não permanece parado: o amor tudo transforma e tudo significa. (Santo Inácio de Loyola)

Zygmunt Bauman (2003) acredita que “ a experiência humana é mais rica do que qualquer de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e “compreensiva” que seja, pode exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranquilo de viagem. Essa viagem não tem final feliz – toda sua felicidade se encontra na própria jornada. Nenhuma interpretação da estância humana pode findar sua complexidade.”

Diante destas palavras de Bauman, podemos ilustrar a dimensão do fazer e de seu significado. São inesgotáveis os significados, infindáveis porque o pensamento não acaba; ele é de uma dimensão complexa, de pura imersão e descobertas, sem limitações.

Baseadas nas palavras de Baumann, foram realizadas vivências, que abaixo seguem em sua ordem.

- 1ª Vivência (08/11/12): com o intuito de proporcionar às crianças reflexão sobre ações diárias que contribuem para o seu crescimento sociocrítico, foram apresentadas gravuras (Imagens de 1 a 15) e, espontaneamente, cada criança foi analisando e dizendo o por quê de seus posicionamentos.
- 2ª Vivência (13/11/12): a partir de almofadas com carinhas representando tristeza, felicidade e outras (Imagem 16), cada criança falou sobre como estava se sentindo ao chegar na escola naquela manhã. Desta maneira realizamos o desejo de ouvi-las sobre quais eram os sentimentos e o que era importante para cada uma ao acordar e ir à escola.
- 3ª Vivência (20/11/12): apresentação de uma caixa contendo objetos com o objetivo de expressarem/dialogarem sobre os seus sentimentos. São eles: macaquinho de pelúcia, carrinho quebrado, coração de borracha, plantinha viva e morta e instrumento musical. Através desta atividade, era imprescindível ouvir as opiniões de cada uma e levar em consideração suas manifestações de valores que estavam por trás de seus sentimentos.
- 4ª Vivência (25/11/12): após três encontros explorando concretamente valores, sentimentos e emoções, foi oportunizado um momento de expressão gráfica utilizando lápis de cor. O objetivo desta atividade era perceber de que maneira as crianças enxergavam os valores abordados e vivenciados na escola e na família através de suas histórias.

Assim, quatro dinâmicas foram vivenciadas entre as crianças do B2. A mim coube observar, ouvir, acolher as opiniões, questionar sobre as reações, emoções, conceitos trazidos/construídos por elas sobre os valores humanos levantados no decorrer das atividades. As crianças participaram de diferentes formas: conversando de acordo com o seu tempo, discurso e movimento, lendo e relendo o mundo, buscando através do seu corpo manifestar suas emoções tão visíveis e importantes para serem ouvidas.

Pensando nas características desta faixa etária e tendo como maior objetivo o ouvir, sentir, dialogar e observar como pensam as crianças da Educação Infantil sobre os valores humanos, vivenciamos as atividades a seguir descritas.

5.2.1 1ª VIVÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE MOMENTOS DO NOSSO DIA A DIA (08/11/2012)

A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração.(Paulo Freire)

Ao chegar na sala da turma do Infantil B2, nos cumprimentamos e logo que me viram, lembraram e falaram sobre as atividades que havíamos feito (argila e meleca). Essas foram exploradas na ocasião de um trabalho solicitado pela Professora Marita. Elas ficaram marcadas pelas possibilidades de criar, trocar ideias, brincar:um momento de pura interação entre seus pares. Uma alegria só!

Nesta primeira atividade sentamos em rodinha e conversamos sobre o motivo pelo qual eu estava ali. Expliquei a elas que estava estudando e que havia um trabalho a fazer e a entregar ao meu professor como conclusão. Uma das crianças me questionou se era um tema de casa. Eu disse que sim (era uma “temão”!) e que gostaria muito que elas participassem. Perguntei se elas gostariam e todas aceitaram. Infelizmente, os registros feitos foram apenas por escritos/desenhos, pois o colégio não permitiu imagens de qualquer tipo.

Uma das crianças, ao ver a pasta da UNISINOS, logo identificou o símbolo e disse que sua mãe trabalhava lá. Mostrei a pasta a todos e disse que era onde eu estudava.

Como primeira atividade, apresentei a elas várias imagens viradas para baixo e questionei o que estaria nos cartões. Suas hipóteses foram as mais variadas (jogo da memória, orações – por eu ser do SOREP, Bíblia, “janelinhas com histórias que mostram páginas que se juntam com desenhos e letras”, histórias de Jesus, Maria e José).

Ao virarem as cartinhas observaram imagens correspondentes ao dia a dia delas. Elas observaram cada uma. Proporcionei um tempo para que olhassem e conversassem entre si. Solicitaram-me que lesse. Alguns tentaram. Muitas observações foram feitas pelas crianças. Diziam “que malvados!”, “isto é certo”, “isto é errado”, “a menina está ajudando a outra que está machucada” e assim por diante.

Tentaram observar quais eram os personagens e se as cores das cartas

tinham alguma relação. Verbalizaram ainda que, quando fazemos algo para ajudar os amigos, nos sentimos bem.

Ao longo da conversa as crianças foram expressando o quanto é importante sermos bons para vivermos bem. E através das carinhas (feliz ou triste) que lhes foram apresentadas por mim, cada criança foi pegando uma imagem, falando sobre ela dando a sua opinião e colocando ao lado da carinha triste ou feliz e explicando o por quê. As imagens foram tiradas de livros didáticos.

As explicações foram maravilhosas! Ouvir aqueles pequenos verbalizando suas opiniões mostraram-me o quanto o diálogo, a criticidade, o ouvir são oportunidades únicas para se formar seres humanos capazes de mudanças de atitudes, de transformações na sociedade, como já havia considerado Paulo Freire (1974).

Dentre elas, trouxeram as seguintes frases:

Para a carinha feliz:

- “Um ajudou o outro e isso faz bem para nós!” – Marcelo
- “Ele compartilhou o brinquedo e eu gosto de fazer isso.” – Fernanda
- “Porque senão emprestássemos os brinquedos, ficaríamos tristes.” – Vitória
- “O coração fica partido.” – Joaquim
- “A amiga se machucou e a outra ajuda.” – Pedro
- “Se ela não dormisse com a boneca, teria pesadelo.” – Júlia
- “Ela se enroscou na corda e achou graça com suas amigas.” – Marcelo
- “Se não arrumasse o quarto, a mãe ficaria triste, mas ele arrumou e foi para o parque. Temos que ajudar nossa mãe.” – Júlia
- “A gente faz bagunça na sala de aula, mas arrumou tudo.” – Guilherme

Para a carinha triste:

- “A mãe fica triste se a criança faz birra.” – Fernanda
- “Se a gente machuca alguém e não pede desculpa, fica triste.” – Joaquim
- “Ele vai ter que esperar sua vez para brincar e é isso que a gente

sempre faz.” – Guilherme

- “Ela podia brincar e não ficar de fora. Que nem a Rafaela (ausente neste encontro) que fica perguntando se pode brincar para a professora.” – praticamente todos afirmando.

Sobre a colega mencionada, Rafaela, cabe dizer que é uma criança que pouco participa das aulas. Falta muito e precisa de um olhar mais atento.

Ao longo da atividade, as crianças foram observando as expressões dos rostos dos desenhos nas imagens. Esses desenhos chamaram muito a atenção, pois à medida que iam classificando se identificavam com o seu cotidiano escolar junto a professora e os seus pares e o cotidiano familiar.

Depois de um bate-papo maravilhoso sobre o que pensavam a respeito de cada imagem, perguntei-lhes como se sentiam ao ver cada uma. Levei-as a pensar nas imagens que ajudavam a pensar em nossas vidas, quais as que faziam bem para nós e para a vida de todas as pessoas. Sobre as que nos deixavam tristes o que deveríamos fazer?

Desta forma, fiz a seguinte pergunta:

– Para terminar, que palavras levaremos em nossos corações para que possamos ser pessoas legais, do bem?

Neste primeiro encontro, as crianças foram respondendo com palavras que deram significados ao meu objetivo maior: chegar aos valores humanos. Foram eles: *respeitar, ajudar, amor, amizade e compartilhar.*

A seguir, seguem as 15 imagens levadas para ser identificadas como “feliz” e “não feliz”.

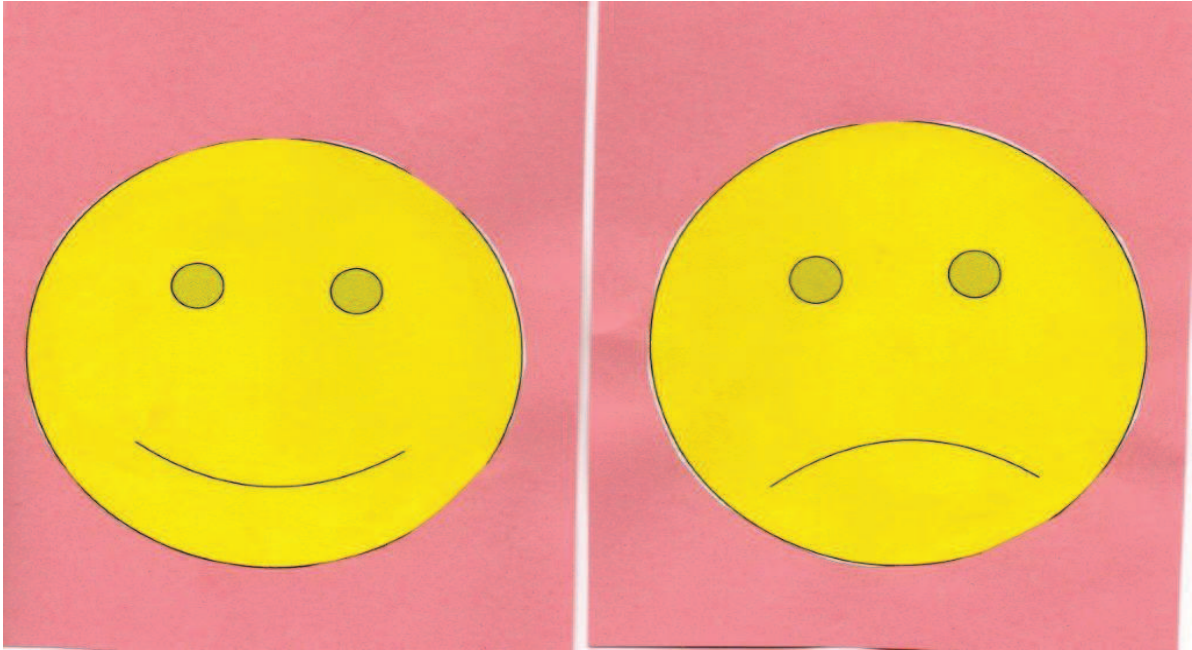


Imagem 1: Carinhas que representam momentos felizes e não felizes que deveriam ser afixadas junto às 15 imagens.



Imagem 2: crianças emprestando brinquedos.



Imagem 3: menina aguarda a outra jogar dados durante jogo de tabuleiro.



Imagem 4: criança partilhando lanche.

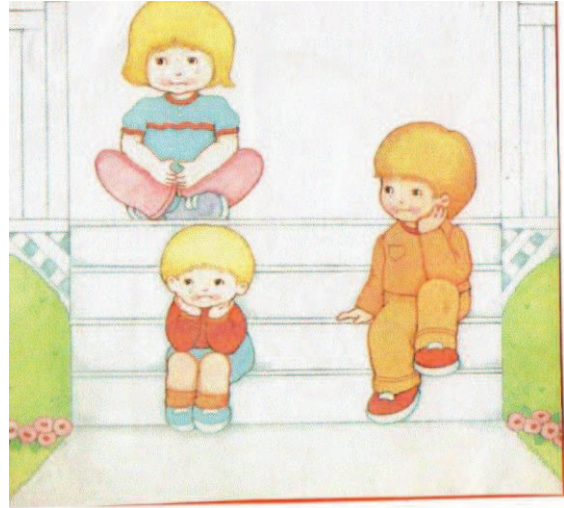


Imagem 5: Três crianças sentadas em escada.

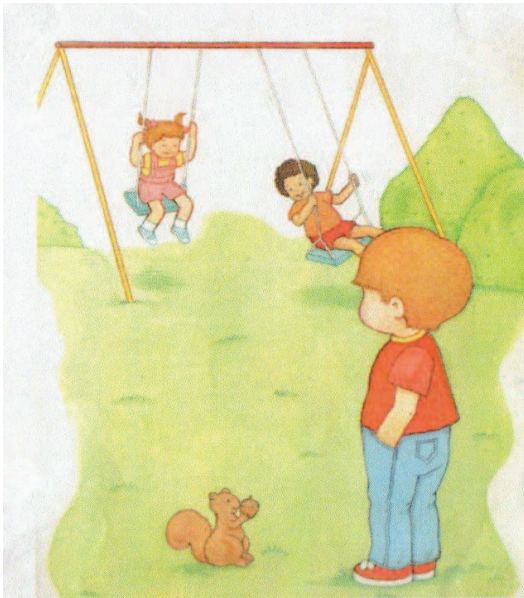


Imagem 6: meninas no balanço e menino observando frente ao esquilo.



Imagem 7: menina ajudando a outra machucada.



Imagem 8: pai coloca filha para dormir com boneca.



Imagem 9: menina e menino trocam caixas.

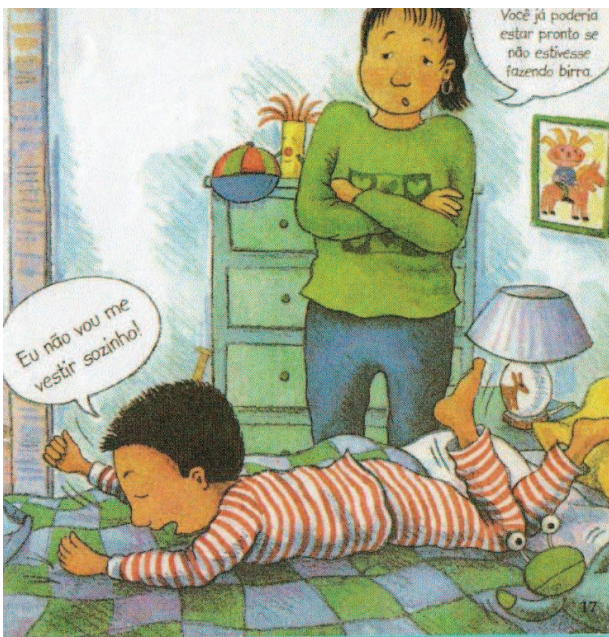


Imagem 10: menino jogado no chão faz birra com a mãe.

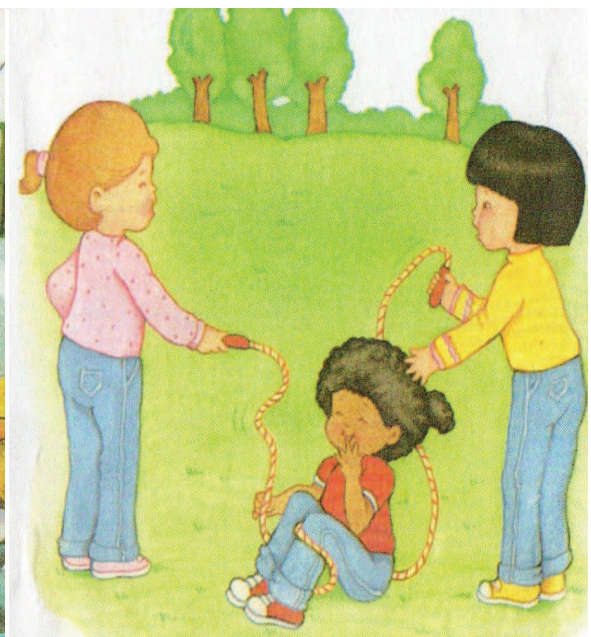


Imagem 11: meninas brincam de corda.

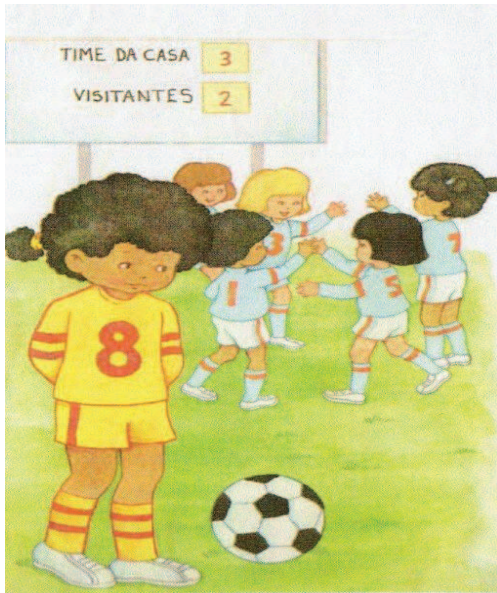


Imagem 12: time da casa comemora vitória enquanto menina do time adversário fica triste perto da bola.



Imagem 13: pai pede que filho guarde seus brinquedos; filho não atende e irmã observa.



Imagem 14: mãe pede ao filho para arrumar o quarto, mas ele se queixa.



Imagem 15: mãe elogia filho que arrumou o quarto e o convida para ir ao parque.

Ao observar as colocações das crianças diante dessa atividade, escolhendo as gravuras e colocando ao lado da carinha que, segundo cada uma, correspondia ser adequada, foi muito interessante constatar que, imediatamente, elas justificavam suas escolhas. As justificativas foram as mais diversas possíveis, mas todas pertinentes e coerentes. Visavam a busca de uma verdade. Em nenhum momento algum amigo se indispôs, contrariou. Acataram com respeito as opiniões. Neste grupo existem dois meninos que disputam muito e são competitivos, porém, desta vez, compatibilizaram suas ideias de forma civilizada.

Quantas ideias??? O grupo de crianças é muito especial pois participa de forma insessante, dando as mais diversas opiniões. São críticos, buscam a justiça, a verdade... Suas ideias são reflexivas!

Diz Paulo Freire que as palavras devem ser ditas. Eu não só concordo, como também acrescento: as palavras devem ditas e devem ser ouvidas!

5.3.2 2ª VIVÊNCIA: SENTIMÔMETRO: O QUE ELE DIZ? (13/11/2012)

Convidei as crianças a se sentarem em rodinha no mezanino da sala de aula para um novo encontro. Perguntei como elas se sentiram no encontro anterior, o que mais gostaram e o que ficou no coração de cada um. As expressões orais foram muito significativas, pois cada uma externou o seu desejo de ser e fazer o bem sugerindo até mesmo mudanças nas atitudes diante de situações inadequadas para com os colegas, familiares e vizinhos.

Logo queriam saber o que faríamos. Solicitei que fechassem os olhinhos e pensassem: “ ao chegarem ao colégio, como se sentiram?” E depois: “ O que as fazia se sentir felizes em suas vidas?”

Através das almofadas elas deveriam mostrar e expressar oralmente, justificando.



Imagem 16: almofadas dos sentimentos.

Como te sentes ao chegar ao colégio?

Fernanda pegou a almofada correspondente a carinha feliz e disse: “Cheguei *feliz* no colégio porque estava com saudade dos amigos. Eu adoro a escola”.

Júlia pegou a almofada representando a brabeza e verbalizou: “Cheguei braba no colégio porque sempre tenho que acordar cedo. Estou *triste*”.

Rafaela pegou a feliz e explicou: “Estou *feliz* porque a minha mãe me trouxe para o colégio.”

Joaquim: “Estou *feliz* porque eu vejo meus amigos e aprendo coisas com eles”.

Vitória pegou a almofada feliz e acrescentou: “Estou *feliz!* Eu gosto da Fernanda. Às vezes, brigamos com os meninos por causa do celular (de brinquedo)”.

Marcelo escolheu a almofada com a carinha triste e explica: “Eu fico mal quando tem briga e fico brabo”.

Após a fala do Marcelo surgem reflexões e busca de alternativas. Júlia complementa: “Podemos conversar para resolver as brigas.” Em seguida, Fernanda diz: “Cada dia um pega o brinquedo (celular)”. Guilherme e Marcelo comentaram e entram em acordo dizendo: “Combinado.”

E continua a atividade do sentimômetro.

Guilherme pega a almofada com a carinha feliz e diz: “Brinco com os meus amigos e isso me deixa *feliz*”.

Pedro pega a almofada *feliz* e expressa sua felicidade quando chega em casa e vai brincar. E na escola também.

Marcelo sente-se *feliz* pois brinca com os amigos e *assustado* porque,

ao chegar ao colégio, viu um monte de formigas.

Outros comentários surgem no decorrer da reflexão: Fernanda comenta ainda que, no colégio, é importante compartilhar sentimentos e isso a deixa *feliz*.

O segundo questionamento quis saber **o que mais as deixavam felizes em suas vidas:**

- Joaquim: “Ganhar presente novo.”
- Fernanda: “Quando faz um amigo novo.”
- Marcelo: “Quando chega o Natal e se comemora o nascimento de Jesus.”
- Júlia: “Brincar com as amigas.”
- Rafaela: “Compartilhar brinquedos com os amigos.”
- Joaquim: “Ter um irmão.”
- Vitória: “Ter dois cachorros em casa.”
- Guilherme: “Ficar na escola brincando com meus amigos.”
- Marcelo e Pedro: “Brincar com os amigos na escola.”

Falar de seus sentimentos não é fácil para os adultos, mas para as crianças não exige nada. São sinceras, simples e diretas; sem complicações. Cabecinhas frescas, sem maiores preocupações e absolutamente com opiniões próprias que nos ajudam a pensar: por que complicamos tanto a vida?

Ao falarem sobre como estavam se sentindo ao chegarem na escola, as respostas foram, em sua maioria, felizes por encontrarem seus amigos e poderem brincar e aprender coisas com eles.

As falas ilustram o sentido da teoria: só se aprende quando se interage. Sem interação, a criança permanece sem ter espaço para descobrir-se, descobrir o mundo que o cerca.

Para o filósofo alemão Max Scheler (1874-1928),

a pessoa é uma relação com o mundo, de forma que o eu é relação com o exterior, o indivíduo só existe em relação à sociedade e o corpo é, essencialmente, relação com o ambiente. O diálogo e a abertura ao outro constituem-se, assim, em estruturas da existência humana, pois é só na relação com um tu ou com um outro que cada um de nós constrói sua identidade. (SCHELER *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 30)

É desta maneira, de reciprocidade, de troca, e de mútua escuta que nossa identidade e o sentido do mundo vão se construindo, de forma tal que já não sabemos quem vem primeiro ou quem é mais importante, se o “eu” ou se o “tu”, mas que a relação “eu” e “tu” revela-se como fonte inesgotável de riquezas e possibilidades para o “eu” e para o “tu”.

5.3.3 3ª VIVÊNCIA: UMA CAIXINHA CHEIA DE SENTIMENTOS E VALORES (20/11/2012)

Ao final de cada ano, as crianças do Infantil B conhecem os espaços do 1º ano dentre os quais o pátio, onde brincam, fazem suas observações, descobrem o que há de novo que fará parte de suas vidas no ano posterior.

Para começar o terceiro encontro com a turminha do B2, perguntei a eles como haviam se sentido ao visitarem a praça do 1º ano. Logo começaram a se manifestar se sentiram felizes; que a Educação Infantil era maior que a do 1º ano; a pracinha (do 1º ano) tem brinquedos maiores; a do 1º ano é maior.

Após, retomei os encontros vivenciados até então.

Para este encontro apresentei a eles uma caixa de presente. Imediatamente, Júlia manifestou-se muito curiosa para saber o que havia dentro. Questionei o que sentiam ao ganhar um presente e foram unânimes: curiosidade e felicidade. Alguns ainda dizem que abrem logo porque a curiosidade é muito grande.

Quando questiono sobre dar um presente, como se sentem, eles respondem:

- Fernanda diz que se sente feliz porque dar um presente para alguém com amor é fazer bem ao outro.
- Marcelo complementa dizendo que se for pobre a pessoa, eu posso ajudar e me sinto muito bem.
- Joaquim coloca que se sente feliz porque se não ganha, vira ladrão.
- Júlia diz que quando se dá presente a gente pode compartilhar. Compartilhar é partilhar entre todos o que temos.

Ao questionar o que achavam que haveria dentro da caixa, muitas foram

as hipóteses e ouvi com atenção e carinho o que iam dizendo: bichinhos para contar, palitos, balas, balões, presentes.

Fui tirando os objetos e deixando que expressassem o que viam e sentiam. Os objetos eram: plantinha viva, plantinha morta, instrumento musical, carrinho de brinquedo quebrado, anjinho, macaco de pelúcia, coração em 3D.

Sobre a plantinha viva:

- Vitória: “A plantinha viva tem semente!”
- Guilherme: “Podemos levar para casa a plantinha?”
- Fernanda: “ Eu adoro cuidar de plantinhas! Elas nos dão o alimento.”
- Marcelo: “ Eu tenho uma linda planta em casa para enfeitar a casa.”

Perguntei:

– O que ela representa na vida de vocês?

E eles foram sensíveis e responderam:

– A plantinha representa amor, natureza, pajé (pois é chefe dos índios);

que precisa de cuidado: de terra, sol, água, minhoca...

Perguntei sobre a **plantinha morta**:

- Fernanda disse que é triste porque a natureza morre.
- É muito mal porque estaria matando, destruindo tudo o que o Papai do Céu fez, diz Marcelo.
- Júlia respondeu que a plantinha morta trazia muita tristeza e sinal de alguém não havia cuidado dela direito. Muito injusto.”

Sobre o maraca (instrumento musical)

Fernanda trouxe a ideia de que um instrumento lhe faz feliz:

– Ouvir música faz bem para a gente; nos faz sentir feliz, alegre e animado. O som que este instrumento possui parece estalo de dedos.

– É uma coisa boa! – complementa Marcelo.

Sobre o carro de brinquedo quebrado:

Marcelo logo diz que o carrinho está quebrado e isto traz tristeza, se sente mal. E que precisa cuidar dos brinquedos. A pessoa que quebrou precisa pedir desculpas. É assim que se faz.

Já Joaquim diz que brinquedo quebrado não se dá de presente. Ninguém gosta de ganhar e brincar com brinquedo quebrado.

Vitória fala que o brinquedo quebrado deveria ser consertado para ser dado de presente a alguém.

Nem todos apresentaram opinião sobre o carrinho.

Sobre o anjo:

- “Bem, o anjo vermelho é o do coração”, diz Marcelo.
- “O anjo nos cuida além da Mamãe e do Papai do Céu” – Joaquim.
- “Jesus tem muitos irmãos. Um deles é o anjinho” – Guilherme.
- “Minha tia confia em todos os santos” – Vitória.

Sobre o macaco...

- “Que lindo! Muito feliz!”, “A nossa espécie veio do macaco.” – Fernanda
- “Faz parte da nossa natureza.” – Guilherme
- “É muito fofo. Me deixa feliz!” – Marcelo
- O macaco precisa de espaço bom na natureza, carinho e amor para se sentir feliz. – Fernanda

Quantas observações diante de revelações de pensamentos ricos de imaginações, de suposições, de verdades, aprendizagens... As vivências foram desejadas e as crianças mostraram-se participativas.

Ao escolherem os objetos da “Caixinha dos Sentimentos e Valores”, as crianças foram observando o que eles traziam de interessante e iam comentando. Acima, em suas observações orais, cada criança expressa seus sentimentos e, por trás deles, apresentam valores que mostram os conceitos desenvolvidos, seja em casa, na escola, no grupos de amigos, na sociedade.

Muitas crianças trouxeram a presença do transcendente, do Deus, de Jesus. Reflexo este do nosso colégio e, quem sabe de suas famílias. Não entrarei na questão de escolhas de colégios de outras crenças, por parte das famílias, mas quando se escolhe sabe-se que é preciso conhecer bem o que se quer. A cada uma cabe a escolha que assim achar melhor.

Outro destaque que faço é quanto ao carrinho quebrado. Quando verbalizam, se preocuparam e comentaram que não seria o caso de doar algo

estragado. Não se faz isso. É preciso ter o cuidado com o próximo. Questionei o porquê e Marcelo disse-me que não gostaria de ganhar um presente estragado, se sentiria muito triste.

Dois valores se apresentam neste momento: *solidariedade* e *alteridade*. A solidariedade visando a paz, o cuidado, o amor. Ela revela-se, assim... “como forma de vencer os mecanismos perversos e estruturas de desigualdade, implementando estruturas e interações de paz. A paz tem também um novo nome – solidariedade –, como forma de construir a civilização do amor. Não há paz sem solidariedade, porque, no momento em que as pessoas e os povos regem-se por ela, há uma relativização dos conflitos e novos enfoques das relações.” (GUIMARÃES, 2004, p. 79)

Guimarães (2004, p. 56) aponta, ainda, que, em nosso mundo moderno e plural, uma das questões que está sendo reformulada é a própria maneira como aprendemos o sentido de “plural”, não como limitação humana ou realidade passageira, mas como riqueza e valor. A alteridade, valor de suma importância ao homem, significa o *eu aprender com o outro e vice-versa*. É reciprocidade. É desta maneira que nos tornamos verdadeiros homens de mudanças interiores em busca de melhores oportunidades para viver sem violência. Eu me conheço e conheço o outro, sei dos valores à medida que me coloco à disposição para cumprir as devidas necessidades do “eu” e do “tu”.

Segundo a Enciclopédia Eletrônica,⁴ *alteridade* ou *outridade* é a

concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende do outro. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo).

Sobre o coração...

Ao verem o coração, as crianças expressaram o que ele representava em suas vidas: harmonia, felicidade, casamento, paz, Ano Novo e Natal.

Ao dialogar com elas sobre o amor, valor este tão importante para viver e conviver com o próximo, com a natureza, com todo o Universo, foram unânimes em afirmar que sem ele não teremos/seremos uma humanidade completa, cuidadora, transformadora, viva para eternizarmos o bem comum tão

⁴ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>. Acesso em 17 dez. 2013.

necessário para as desavenças nas sociedades/culturas nas quais fazemos parte.

Propus que fizéssemos uma dinâmica: “Amigo do Coração”. Cada criança era convidada a dar o coração ao/a amigo/a que desejava e dizer uma palavra que a deixasse feliz, junto com um gesto legal (beijo, abraço, toque de mãos).

Assim aconteceu...

Vitória entregou o coração à Fernanda porque a ama. Ela é muito legal, brinca com ela e se divertem. Deu-lhe um abraço e um beijo.

Fernanda entregou o coração ao Joaquim e disse-lhe que era um bom amigo. Deu-lhe um abraço.

Joaquim deu ao Marcelo. Justificou que sua amizade é muito importante para com Marcelo. Abraçou-lhe com alegria.

Marcelo entregou o coração ao Guilherme porque gosta muito da sua amizade. Eles brincam bastante. Bateram-se as mãos.

Guilherme deu o coração à Julia e disse que ela era sua amiga e gostava dela. Bateram-se as mãos.

Que momento marcante! As crianças, espontaneamente, foram participando desta atividade com muita autonomia, apresentando-se e entregando ao seu amigo o coração e, aqui cabe ressaltar, escolhas por afinidades, falando uma palavra que expressasse seu sentimento pelo/pela amigo/amiga e com um gesto que demonstrasse/marcasse o que foi verbalizado.

Vivências como estas são as que promovem a mudança. Por isso, a necessidade de se praticar gestos como este para tornar vivo a valorização da vida.

5.3.4 4ª VIVÊNCIA: EXPRESSÕES ORAIS E GRÁFICAS SOBRE OS VALORES HUMANOS (25/11/12)

Depoimentos/descrições individuais a partir dos desenhos realizados pelas crianças sobre os valores humanos escolhidos por cada um.

Sabe-se que o desenhar e o brincar são maneiras que revelam o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo da criança, proporcionando que seus sentimentos se revelem assim como as aprendizagens. Mas não é somente isso. Atualmente, o *ouvir* as crianças sobre suas ideias/opiniões a respeito da temática abordada leva ao enriquecimentos de estudos na área da Sociologia da Infância. Costa atribui uma interessante especificação à Sociologia. A autora expressa que “a sociologia se define não por seu objeto, mas sua abordagem – pela forma como pesquisa, analisa e interpreta os fenômenos sociais” (1997, p. 11).

Os três primeiros encontros com as crianças dialogaram sobre os valores amor, amizade, compartilhar, compaixão, respeitar, ajudar e paz. Todos foram trazidos pelas crianças de forma natural, vivenciados com dialogicidade.

Em atividade de sala de aula, utilizando folha A4 e lápis de cor foi proposto ao grupo que desenhassem e pintassem os valores trabalhados nas atividades anteriores, fazendo parte das marcas da cultura que cada criança traz consigo, desenvolvidas na família, na escola, na vizinhança...

Logo abaixo, seguem os desenhos e as explicações dadas pelas crianças. Neste encontro faltaram quatro crianças. Uma delas saiu da escola por motivo de transferência da família em virtude de trabalho.



Desenho 1: Joaquim – 5 anos

RESPEITAR

– Duas pessoas (eu e o pai) se falando, ajudando as pessoas a se divertir e cuidar. Eu gosto de respeitar as pessoas porque eu não quero deixá-las tristes. É deixar o amigo falar e não ficar interrompendo, deixar alguém fazer uma coisa primeiro. É cuidar, também.

Ao representar as figuras humanas (Joaquim e seu pai), Joaquim expressou todo o cuidado, o gosto e o amor pelo seu pai. Demonstrou seu carinho para não deixar as pessoas tristes. Ao verbalizar que respeitar é deixar o amigo falar e não ficar interrompendo, deixar realizar alguma tarefa primeiro, também demonstra o respeito das combinações realizadas no colégio. São práticas construídas com as crianças e diariamente retomadas para uma convivência fraterna e sadia.



Desenho 2: Guilherme – 6 anos

AMOR

– Um amigo ajuda o outro. Amor é ajudar, isso é amizade. Eu gosto de sentir o amor porque me faz bem. É dar felicidade, é respeitar e brincar com o outro. Se não existe amor as pessoas ficam tristes. Temos que sentir amor por todas as pessoas: amigos, família, os pobres... Amar todos que precisam de ajuda.

Guilherme expressa graficamente sua contemplação quanto a preocupação ao próximo com o desejo de se sentir bem: no desenho, um amigo ajuda o outro que caiu na pracinha. O amor representa o que se deseja no mundo: o educar para a sabedoria do amor, como diz Luis Carlos Dalla Rosa (2012, p. 17). Nossas crianças são capazes, num mundo em que a vida permite tantas oportunidades para refletir e vivenciar fatos que levem viver em/no/com amor que se faz preciso rever as atitudes coerentes.



Desenho 2: Júlia – 6 anos

AJUDAR e COMPAIXÃO: História da queda

– Eu caí e ralei o joelho e as minhas melhores amigas me ajudaram. Elas me pegaram na mão e me levaram para a Camila (enfermeira). Eu me senti muito feliz, pois as minhas melhores amigas me ajudaram. Me senti confiante. É algo importante porque assim se demonstra compaixão e a gente se sente mais feliz. É dar um jeito de dar uma força para o amigo quando precisa.

Júlia é uma criança muito comunicativa. Tem o dom da palavra e enriquece muito os seus diálogos. Percebe-se uma vivência muito forte de valores (relatos da professora titular) por parte da sua família o que mobiliza a construção e interação entre os seus pares para novas trocas sobre como conviver melhor, fazendo o bem, sendo uma pessoa melhor para o mundo, sabendo cuidar do mundo.

Sarmiento (2004) coloca que os desenhos das crianças são atos simultaneamente sociais e individuais: realizam-se num espaço interacional pré-estruturado pela ordem escolar, nas suas múltiplas esferas de articulação – ordem institucional, ordem pedagógica, ordem interacional de pares – mas põem em ação desempenhos marcados pela diferença do gesto criativo. Cada criança expressa seus sentimentos, emoções, valores de forma diferente e, portanto, o ato de sociabilizar para criar vínculos, trocar ideias, criar, recriar novos personagens e assim por diante.



Desenho 4: Pedro – 6 anos

COMPARTILHAR

– Eu desenhei eu e meu colega Guilherme compartilhando a bola. Compartilhar é ter amor pelas pessoas nos momentos bons e ruins. É dividir as coisas! Todas as pessoas precisam dividir o que tem.

– O que te faz feliz? – perguntei.

– É poder estar com os meus amigos, brincar com eles, porque isso me faz bem, me deixa feliz.

Ao expressar o porquê escolheu a palavra compartilhar, Pedro expressou que é porque é preciso dividir o que temos para as pessoas se sentirem felizes. Isto é amor.

Disse que ao jogar bola está dividindo a bola com o seu colega Guilherme e que faz bem ao seu coração. Assim como gosta de compartilhar o que possui (brinquedos) entre seus amigos e amigas, pois isto é ser amigo, é amar. Sarmiento (2004) ainda complementa que os desenhos são interpretáveis à luz das culturas infantis e, nomeadamente, dos seus pilares estruturantes: a cultura lúdica, a fantasia do real, a interatividade e a reiteração. Estas palavras ilustram o que todos os desenhos aqui presentes expressam. Visam mostrar o que cada criança traz de suas vivências na família, vizinhança, escola, enfim, no seu cotidiano permanente.



Desenho 5: Fernanda – 6 anos

AMIZADE

– Eu, junto com uma amiga Vitória, brincando aqui na escola, no pátio. Eu gosto dela porque é querida e divertida. Amizade é brincar com o amigo, é ser feliz, é felicidade.

– Como tu te sentes fazendo amizades? – questionei.

– Sinto-me feliz, alegre. Bem, o mundo seria triste sem amigos.

– O que mais te deixa feliz na vida?

– Brincar com um amigo.

A felicidade de se ter amizade traz à criança muita vontade de viver e de voltar à escola. Ao definir que com a amizade as crianças motivam-se, alegram-se, elas vivenciam o outro/com o outro as novas experiências de vida.

Um dos desejos das crianças é ter amigos, fazer novos amigos, entrosar-se, interagir-se, brincar, cantar... Quantas atividades voltadas a este valor imprescindível as nossas vidas!

O ser humano, como sabemos, é sociável. Não consegue viver sozinho. Necessita do outro para interagir, construir uma sociedade; possui uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo e com o mundo, como elucida

Cleoni Fernandes (STRECK *et al*, 2008, p. 37).

Manoel Jacinto Sarmiento e François Dubet consideram:

As crianças incorporam, interpretam e reconstróem continuamente informações culturais, constituídas por valores, normas sociais, ideias, crenças e representações sociais, frequentemente expressas sob a forma de histórias e narrativas, lendas, imagens, jogos, brinquedos e brincadeiras e outros artefatos culturais. A construção de universos simbólicos das crianças é realizada na interação entre crianças e adultos e entre crianças e crianças e dela participam elementos culturais provenientes de círculos diferenciados de produção simbólica: a cultura da globalização (especialmente evidente na produção da indústria [...]) – (SARMENTO, 2004).

As crianças aprendem a diferença com a plasticidade que lhes permite incorporar a irredutibilidade do outro numa ética de respeito. (DUBET, 2001).

As culturas infantis e suas articulações com diversas instituições para a infância, constituem um tema muito importante que requer olhares constantes para interpretar o que essas querem nos dizer.

As crianças, com suas diferenças, apresentam experiências múltiplas, seja com a família, escola, sociedade, mídia... Essas promovem interações simbólicas e registros que deixam marcas em suas vidas. Cada criança, em contato com sua realidade, traz consigo características que traduzem o seu jeito de ser e que, ao se encontrar, ao trocarem com os seus pares, constroem uma interculturalidade.

Portanto, Sarmiento (2004) diz que os desenhos são interpretáveis à luz das culturas infantis e, nomeadamente, dos pilares estruturantes: a cultura lúdica, a fantasia do real, a interatividade e a reiteração. Tudo isso compreende que as crianças são capazes de fazer suas leituras de mundo, interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que os rodeia (SARMENTO, 2004). Por isso não podemos subestimá-las. A sensibilidade é inata e, portanto, as consideramos como seres humanos fortes “ensinadores” de valores através de suas falas e ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas finais, destaco alguns tópicos que marcaram a minha dedicação a este estudo e prática que fizeram/farão a diferença em minha vida, nesta nova função de Orientadora Religiosa da Educação Infantil.

O curso de Especialização em Educação Infantil (6ª edição, 2012-2013), proporcionou-me resgatar, entre tantas outros aspectos, o reviver a minha infância. Uma infância marcada por momentos em meio a um ambiente de família numerosa, de origem italiana, e também passar por alguns momentos não tão agradáveis. Outro aspecto foi o da escola, quando tive momentos desafiadores e que me geraram “sabores” e alguns “desabores”. Foram muitas as descobertas, muito crescimento enquanto criança, aluna, adulta, o que me fizeram seguir pelo caminho do magistério e do encontro com a eterna busca da construção do aprender e do ensinar.

Escolhi a temática “valores humanos” na vida, em especial, das crianças, para realizar vivências na Educação Infantil, especificamente no contexto da escola na qual trabalho. Quis, com isso, apresentar a importância e a diferença que valores fazem na vida diária em uma sociedade, em que, infelizmente, a desumanidade é exacerbada, assim como a violência, a pedofilia, a droga, entre outros que perpassam pela vasta falta de alegria e esperança no rosto das crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos.

A falta de equilíbrio entre aquilo que cabe à família e à escola para uma educação fundamental cotidiana que contemple a importância dos valores humanos na vida das crianças, que tanto necessitam para uma vida de escuta, de transformação, de transcendência, são fundamentais para se retomar os valores humanos.

Do poema de Thiago de Mello intitulado *Estatuto do Homem*, que usei como epígrafe, destaco o seguinte verso: “Só uma coisa fica proibida: amar sem amor”. Sem amor, palavra forte que deve ser eternizada em nossos corações, e isso deve acontecer desde o contato da mãe com o bebê, pois é a partir deste contato próximo, da mãe olhar no olho do bebê, viver em um ambiente amável, sadio, humano que alcançará seus primeiros resultados favoráveis (WINNICOTT, 1988). Desta forma, o vínculo de amor ser fortalecido, vínculo este que tanto faz falta no ser humano de hoje, cuja ausência faz com

que se cometam e sofram com injustiças sociais. Tantas vidas não vividas, tanta falta de valores humanos desperdiçados para se ter um mundo melhor...

Retomo Paulo Freire que costumava dizer que suas palavras eram especiais, eram e são “grávidas de mundo”, isto porque têm o dom de gerar mundos, pronunciar novas realidades (STRECK *et all*, 2008, p.13). Estas atitudes, primeiro, nos oportunizam a conscientização de nossas ideias a respeito; em segundo lugar, a colocar em prática e exercitar, cada vez mais, o nosso lado humano de ser: com o eterno entendimento de que somos parte de um todo e que fazemos parte dele; em terceiro lugar, a autoavaliação. Saber como se sente diante deste desafio que é estar mergulhado em mudanças necessárias na/da/para sociedade moderna/contemporânea para um presente feliz, cheio de esperança de transformação verdadeira na vida do ser humano.

Preciso retomar o ser criança: a infância é a fase do ser humano mais encantadora. São extremamente animadas, tudo deve ser concreto, vivencial, para se sentirem vivas, se sentirem em movimentos, em constante contato com o seu meio, com os seus pares, familiares, escola... Isto se constitui em total espaço para a convivência e interação e, assim, aprendendo a construir e reforçar os valores humanos tão importantes para a vida.

Durante todo o processo, estive interessada não só em observar e colher dados para as vivências, mas abrir espaço em sala de aula para que as crianças participassem delas e pudessem opinar em suas decisões, criando vínculos com os colegas, ampliando ainda mais as suas vezes de serem ouvidas por todos num espaço escolar onde a construção do viver deve ser permanente e alegre.

Por isso a melhor maneira de aprender valores é vivenciá-los na prática, através de práticas-pedagógicas na escola, no mundo, sem apresentar qualquer tipo de anti-valor que são aqueles valores que estamos diariamente.

Retorno as principais reflexões e problematizações estabelecidas ao longo de meu estudo na qual desenvolvi um processo voltado a importância dos valores humanos centrado na construção do ser humano. *EU + OUTRO = NÓS* e o *MUNDO* através de vivências/práticas na Educação Infantil. O trabalho foi realizado com crianças de uma turma da Educação Infantil (IB), durante o ano letivo 2012. Foram atividades que contemplaram expressões reflexivas, orais, de expressão gráfica, de escolhas e que desencadearam

outras espontâneas (não planejadas) contribuindo para o crescimento não só individual, como também coletivo.

Sem dúvida, viver os valores humanos diariamente, neste caso, na escola; é entender que as crianças são porta-voz de uma criticidade, de um diálogo que precisamos levar em conta, pois elas nos dão as respostas para as nossas dúvidas. E que respostas nos dão!!! Aquelas que menos esperamos, com simplicidade, clareza e vida; nos fazem sentir alegres, pois ver a boniteza de cada criança é ver a sua expressão de comunicação de maneiras diferentes que atingem todo e qualquer ser humano.

Sem dúvida, dentro de seus contextos (família, escola, vizinhanças) os valores humanos são fundamentais para uma transformação efetiva da sociedade. É através deles que as crianças estudadas mostraram a facilidade em demonstrar as importâncias em suas vidas, o quanto fazem a diferença e devem ser desenvolvidos pelos pais e educadores.

Desta forma, diante dos teóricos abordados, destaco Leonardo Boff, que coloca que o mundo precisa de um olhar voltado para o cuidado. O mundo precisa de cuidado, assim como o ser humano também. Uma das maneiras é saber e entender que os valores são imprescindíveis neste caminho para tornar a vida mais saudável e melhor. Nada melhor do que viver em paz, ser tolerante, solidário, ter amizade, amorosidade, esperança, alegria...

Penso ser importante destacar é a postura que assumi ao longo deste trabalho: um trabalho que valeu a pena por reforçar e descobrir que são os valores humanos que acrescentam nossas vidas e nas vidas das crianças, nossas preciosidades que devem ser valorizadas a cada instância, sem exclusão, do jeitinho de cada uma.

Encerro a minha monografia inserindo o resumo da Convenção dos Direitos das Crianças, segundo Francesco Tonucci (2005, p. 229), para que nos inspire cada vez mais a pensar nos direitos que cabem às nossas crianças e, também, acreditar que ainda vale a pena buscar constantemente a prática do vivenciar os valores humanos na vida do *eu* e do *outro*. *Nós e o Mundo*. E, que as crianças são nossas esperanças, fontes incessantes de vida, inspiradoras de palavras “grávidas de mundo”, que têm o dom de gerar mundos, de pronunciar novas realidades para a construção de mais bonitezas de vida.

EPÍLOGO

A CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

Francesco Tonucci

Art.1: Esta Convenção ocupa-se dos direitos de todos aqueles que ainda não completaram 18 anos.

Art.2: Todos os Estados devem respeitar os direitos da criança, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião, política da criança ou de sua família.

Art.3: Os interesses da criança devem ser considerados em primeiro lugar e como sendo os mais importantes em todas as decisões que lhe dizem respeito. A criança tem o direito de receber a proteção e os cuidados necessários ao seu bem-estar.

Art.4: Os Estados comprometem-se a executar os direitos reconhecidos por esta Convenção com todos os meios necessários.

Art.5: O dever de tomar conta da criança é dos pais ou de quem os substitui.

Art.6: A criança tem direito à vida.

1. A criança tem o direito de desenvolver de forma completa sua personalidade.

Art.7: A criança tem o direito de ser registrada logo que nasce, ter um nome, uma nacionalidade e, se possível, conhecer seus pais e ser criada por eles.

Art.8: Os Estados comprometem-se a respeitar o direito da criança à sua identidade, à sua nacionalidade, ao seu nome e ao relacionamento com sua família.

Art.9: A criança tem o direito de manter contatos com seus pais, mesmo que estes sejam separados ou divorciados.

Art.10: A criança tem o direito de reunir-se com seus pais ou de ficar em contato com eles, se estes vivem no exterior.

Art.11: As crianças não podem ser levadas embora de seu país de forma ilegal.

Art.12: A criança tem o direito de expressar sua opinião toda vez que são tomadas decisões que lhe dizem respeito, e sua opinião deve ser levada em conta na justa medida.

Art.13: A criança tem o direito de dizer livremente o que pensa, com os meios que ela prefere.

Art.14: A criança tem o direito de liberdade de pensamento, de consciência, de religião.

1. Os pais têm o direito e o dever de guiar os filhos e, nessa tarefa, eles devem ser deixados livres para seguir as ideias em que acreditam.

Art.15: A criança tem o direito de ficar com as outras.

Art.16: Nenhuma criança poderá ser submetida a interferências arbitrárias ou ilegais em sua vida particular, em sua família, em sua casa ou em sua correspondência. Não poderá sofrer lesões ilícitas em sua honra e em sua reputação.

Art.17: Os jornais, os programas de rádio e de televisão são importantes para a criança; por esse motivo é importante que haja programas adequadas a ela.

Os Estados devem encorajar a produção de livros e de programas para a juventude e fazer com que a criança seja protegida contra a informação e os programas que a ela podem ser nocivos.

Art.18: Se uma criança não tiver pais, deverá haver alguém que se ocupe dela.

Se os pais de uma criança trabalham, alguém deve tomar conta dela enquanto eles estão trabalhando.

Art.19: Ninguém pode maltratar, abandonar, explorar uma criança ou contra ela exercer violência.

Art.20: Se uma criança não pode ficar com a sua família, deve ir morar com alguém que cuide dela.

Art.21: A criança tem o direito de ser adotada, se sua família não pode cuidar dela.

Não se pode fazer comércio com as adoções.

Art.22: A criança refugiada tem o direito de ser protegida.

1. A criança refugiada deve ser ajudada a reunir-se com a sua família.

Art.23: A criança que tem problemas mentais ou físicos tem o direito de viver como as demais crianças e junto a elas.

1. A criança que tem problemas mentais ou físicos tem o direito de ser tratada.

2. A criança que tem problemas físicos ou mentais tem o direito de frequentar a escola, de se preparar para o trabalho, de se divertir.

Art.24: A criança tem o direito de alcançar o máximo nível de saúde física e mental e de ser bem tratada quando necessitar.

Art.25: As crianças submetidas a tratamentos médicos físicos ou mentais têm o direito de receber controles periódicos de seu tratamento.

Art.26: Toda criança tem direito à seguridade social.

Art.27: A criança tem o direito de crescer bem física, mental, espiritual e socialmente.

Art.28: A criança tem o direito à educação. O ensino fundamental deve ser obrigatório e gratuito para todos.

Art.29: A criança tem o direito de receber uma educação que desenvolva suas habilidades e que lhe ensine a paz, a amizade, a igualdade e o respeito pelo ambiente natural.

Art. 30: A criança que pertence a uma minoria tem direito de usar sua língua e de viver de acordo com sua cultura e sua religião.

Art.31: A criança tem direito ao jogo, ao repouso, ao lazer e às atividades que mais lhe agradem.

Art. 32: Nenhuma criança deve ser explorada. Nenhuma criança deve executar trabalhos perigosos ou que lhe impedem de crescer bem e de estudar.

Art.33: A criança deve ser protegida das drogas.

Art.34: Nenhuma criança deve sofrer violência sexual ou ser explorada sexualmente.

Art.35: Nenhuma criança pode ser raptada, comprada ou vendida.

Art.36: A criança não pode ser explorada.

Art.37: Nenhuma criança pode ser torturada ou condenada à morte ou à prisão perpétua. Nenhuma criança pode ser privada de sua liberdade de modo ilegal ou arbitrário.

Art. 38: Nenhuma criança abaixo dos 15 anos pode servir no exército ou combater em uma guerra.

Art.39: A criança que foi descuidada, explorada e maltratada tem o direito de ser ajudada a recuperar sua saúde e sua serenidade.

Art.40: A criança acusada de um crime deve ser considerada inocente até que não seja considerada culpada, após um processo justo.

No entanto, se for considerada culpada, tem o direito de receber um tratamento adequado a sua idade e que a ajude a voltar a conviver com os outros.

Art.41: Cada Estado pode acrescentar a esses direitos outros que possam melhorar a situação da criança.

Art.42: É necessário que todos, adultos e crianças, saibam o que reza esta Convenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1981 [1973].

BASTOS, C. R.; MARTINS, I. G. **Comentários à constituição do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1988, v. 1.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOFF, Leonardo. **Casamento entre o céu e a terra**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

COSTA, Cristina. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1997.

DALLA ROSA, Luís Carlos. **Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA. Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil. Disponível em: < <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/DireitosdasCriancaeAdolescentes/tabid/77/ConteudoId/389cad15-8993-4900-ba1f-c70d82c091a5/Default.aspx> >. Acesso em: 21 março 2013.

DUBET, François. *“Les ‘différences’ à l’ école: entre l’ égalité ET la performance”* in M, Wiervioka e J. Ohana (Dir.), *La différence culturelle: Une reformulation des Débats*. Colloque de Cerisy. Paris. Ed. Balland, 2001.

FIORI, Ernani Maria. Apresentação. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do**

oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GUIMARAES, Marcelo Rezende. **Um novo mundo é possível** : educar para paz, praticar a tolerância, promover o diálogo interreligioso, ser solidário, promover os direitos humanos. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

INFANTE, Vidal Sunci3n; SOUZA, Roberto Lima de. Sobre os valores humanos: uma hierarquizaç3o empírica. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/021/21cvidal.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

LA TAILLE, Yves; DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discuss3o**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 2 set. 2012.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transforma3o: o programa de educa3o em valores humanos**. São Paulo: Fundaç3o Peirópolis, 1996.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia. **Arte, afeto e educa3o: a sensibilidade na aç3o pedag3gica**. Porto Alegre: Mediaç3o, 2010.

NAÇ3ES UNIDAS DECLARAÇ3O DO MILÉNIO. Disponível em: <<http://www.unric.org/html/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2012.

PLANEJAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2001/2011. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/planejamento_educacional_brasil.pdf>. Acesso em: 2 set. 2012

PROJETO LEI 8035/2010. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=490116>>. Acesso em: 2 set. 2012.

REDIN, Euclides *et.all* (org.). Uma etnografia com crianças: grupos geracionais e manifestações culturais das crianças. In: **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Infância, diversidade e expressão simbólica**. Disponível em: <<http://www.rizoma3.ufsc.br/textos/351.pdf>>. Acesso em: 1 nov 2012.

SILVA, Eduardo Rodrigues da. **A criança, a infância e a História**. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=368>>. Acesso em: 21 março 2013.

SORDI, Regina O. Vínculos na Aprendizagem. In: **Revista ABPp**. Porto Alegre, v. I, n. I, p. 11-24, 2003.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TONUCCI, Francesco. Quando as crianças dizem: agora chega!!! Porto Alegre: Artmed, 2005.

VALORES UNIVERSAIS. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/gentileza-urbana/valores-universais/print->>. Acesso em: 02 março 2013.

WINNICOTT, Donald. **Babies and mothers**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA. 1987.

ZITKOSKI, Jaime José. O DIÁLOGO EM FREIRE: caminho para a humanização. In: **Revista Eletrônica Fórum Paulo Freire**. Ano 1, n. 1. julho 2005. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/24.pdf>>. Acesso em: 5 março 2013.